

# AN TO LO GIA **2022**

Esta antologia é composta de textos de ficção e não ficção dos alunos da turma 2022 da pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz.



# ANTOLOGIA

**2022**



Pós-graduação Formação de Escritores

Ademilde Félix  
Alessandra V. Reis  
Ana Barros  
Ana Dias  
Camilla Loreta  
Carla Carneiro do Nascimento  
Elisa Quadros  
Elisabeth Figueira  
Ernesto Meyer  
Fernanda Fragoso Zanelli  
Giovani Giani  
Giovanni Ghilardi  
Izabella Cristo  
Kátia Pastre  
Laís Tomari  
Laura Artigas  
Leila Rodrigues  
Léo Oliveira  
Maria Fernanda Cerávolo  
Marília Santos  
Maurício Genofre  
Sinalva Fernandes  
Vitor Takayanagi  
Viviane Zandonadi



Direção Geral

**Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão

**Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica

**Regina Scarpa**

Coordenação do Instituto Vera Cruz

**Andréa Luize**

Coordenação da pós-graduação  
Formação de Escritores

**Márcia Fortunato**

**Roberto Taddei**



Edição Final

**Claudia Cavalcanti**

Projeto gráfico

**Kiki Millan**

Revisão

**Iara Arakaki**

São Paulo, 2022

---

Antologia 2022: Pós-graduação Formação de Escritores.  
– São Paulo: Instituto Vera Cruz, 2022.  
180 p.

Vários autores.

Coletânea de textos de ficção e não ficção dos alunos da turma 2021 da pós-graduação Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz.

1. Literatura brasileira. 2. Coletâneas. 3. Produção literária. I. Instituto Vera Cruz.

CDD: 869.93

---

Elaboração: Claudia Regina Candido – CRB 8/4822

*Os direitos autorais dos textos publicados pertencem a seus respectivos autores. Esta é uma edição do curso de pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz, e não tem fins comerciais.*

**AN  
TO  
LO  
GIA**

**2022**



Aos diretores do Instituto Vera Cruz, Heitor Fecarotta, Marcelo Chulam e Regina Scarpa, nosso reconhecimento pelo apoio ao programa de pós-graduação Formação de Escritores e pelo incentivo à publicação desta *Antologia*.



# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	<b>9</b>
<b>O peso dos passos</b> [Ademilde Félix] .....	<b>11</b>
<b>Sobre o balão que virou girassol</b> [Alessandra V. Reis] .....	<b>13</b>
<b>Penélope paralela</b> [Ana Barros] .....	<b>21</b>
<b>Cartas de para sempre</b> [Ana Dias] .....	<b>25</b>
<b>Ida para lugar nenhum</b> [Camilla Loreta] ....	<b>33</b>
<b>Café e bolachas de água e sal</b> [Carla Carneiro do Nascimento] .....	<b>43</b>
<b>Território</b> [Elisa Quadros] .....	<b>51</b>
<b>Em busca do que toca violão</b> [Elisabeth Figueira] .....	<b>59</b>
<b>[-1]</b> [Ernesto Meyer] .....	<b>67</b>
<b>Selva defunta</b> [Fernanda Fragoso Zanelli] .....	<b>83</b>
<b>Pizza de muçarela</b> [Giovani Giani] .....	<b>93</b>
<b>A promoção</b> [Giovanni Ghilardi] .....	<b>105</b>

<b>Relatividade</b> [Izabella Cristo] .....	<b>109</b>
<b>Ornitorrincos</b> [Kátia Pastre].....	<b>115</b>
<b>Selesta e Solaura</b> [Lais Tomari].....	<b>123</b>
<b>Em Montevideu com Teletubbies</b> [Laura Artigas] .....	<b>131</b>
<b>Varais</b> [Leila Rodrigues] .....	<b>139</b>
<b>Ele</b> [Léo Oliveira] .....	<b>141</b>
<b>Forasteira do oriente</b> [Maria Fernanda Cerávol] .....	<b>143</b>
<b>Contornos de uma prática do amor</b> [Marília Santos] .....	<b>151</b>
<b>Luanda, 1975</b> [Maurício Genofre] .....	<b>157</b>
<b>Lar</b> [Sinalva Fernandes] .....	<b>165</b>
<b>Criminalística parassocial</b> [Vitor Takayanagi].....	<b>169</b>
<b>Liberdade</b> [Viviane Zandonadi] .....	<b>177</b>

# Apresentação

Esta Antologia apresenta histórias cujo foco é o mundo real e falam do vivido hoje ou ontem. Há também aquelas que, motivadas pela imaginação, pura e simplesmente fazem da vida o mote da ficção. Umas e outras nos atraem por diferentes motivos, mas o texto, em sua tessitura, é o que mais sobressai. Ler esta Antologia, no entanto, nos chama atenção, principalmente, por apreciarmos a variedade de autores que formamos em nosso curso de pós-graduação.

Durante dois anos, os escritores aqui reunidos foram estimulados a escrever por diferentes professores, marcados por sua personalidade de escritores. Cada disciplina ou oficina do curso procurou ajudar a emergirem as diferentes vozes que aqui se apresentam. A leitura e a escuta dessas vozes nos fazem lembrar o que realmente importa em nosso trabalho: criar uma comunidade de escritores de literatura. Este é nosso objetivo, nosso desejo, nosso esforço cotidiano.

Aos que lerem o que aqui compilamos: esta Antologia representa uma amostra do que temos de melhor em nosso curso. E a multiplicidade de vozes desses autores é expressão do que buscamos: preservar a autenticidade e a marca de cada um, num esforço que é de todos nós: escrever boa literatura.

Bem-vindos à leitura!

Márcia Fortunato e Roberto Taddei



# O peso dos passos

Ademilde Félix

não ficção •

A cuidadora estava no quarto, dobrando as roupas recém-recolhidas. Estranhou ao ouvir um barulho de chave girando na fechadura e um ranger de porta. Depois um baque seco, indicando que ela tinha sido fechada. Quando se deu conta, meu pai já não estava mais em casa. Tinha saído de fininho.

Ele precisava respirar para além dos muros da casa. Ver gente e coisas. Rumou para o local de diversão garantida – o supermercado, distante cerca de cinquenta metros de sua residência. Não iria se entregar a essa doença sem nome. Queria caminhar, se exercitar. Quem sabe se com isso não conseguiria readquirir a firmeza necessária nas pernas.

Chegando lá, sentou-se um pouco para descansar em um dos bancos disponíveis para os clientes. A caminhada tinha sido puxada. Pegou um carrinho que, além de acomodar as compras, serviria como apoio para se equilibrar.

Laranjas, mamão, bananas. Pó de café e pão de forma. Um suco de uva. Uns pés de moleque. Passou no caixa, pagou e, agora sem o amparo do carrinho, marchou de volta para casa. Distribuiu as sacolas nas duas mãos e confiou. Conseguiria chegar bem em casa.

No meio do caminho os passos foram se tornando mais lentos. As pernas, sem obedecer aos comandos do cérebro, começaram a fraquejar. As sacolas pesaram. Sentiu que tinha exagerado, mas tentou caminhar um pouco mais. *Só mais um passo, só mais um.* No entanto, não conseguiu. Precisava parar um pouco para descansar. Começou a se curvar para colocar as sacolas no chão, mas as danadas o puxaram para baixo. Os joelhos se curvaram involuntariamente e bateram na calçada de cimento. As compras se espalharam pela rua.

Vizinhos gritaram e vieram ajudá-lo. Em casa, o neto Danilo falou:

– Vô, o senhor não pode mais sair sozinho. Suas pernas não estão aguentando.

Meu pai baixou os olhos e se manteve em silêncio.\*

---

**Ademilde Félix** (ademilde.flix@gmail.com) é formada em Letras pela PUC Campinas, tem mestrado e doutorado em Linguística Aplicada pela Unicamp. Foi professora no curso de Letras na PUC, e, na Unicamp, atuou como coordenadora adjunta do RH central e responsável pelo Laboratório de Acessibilidade. Tem interesse na escrita de não ficção e contos.

# Sobre o balão que virou girassol

Alessandra V. Reis

não ficção •

**S**empre viajei muito. Por vezes me vi como um balão, daqueles de criança, que se solta das mãozinhas e vai subindo, subindo, até desaparecer no infinito. Essa imagem me atormentava; ficava pensando que precisava prender o balão com uma cordinha. Sabia que ele se desorientava com tamanha liberdade e tinha medo de não saber mais voltar para casa.

Meu desejo se realizou. O balãozinho agora está preso a uma pedra. As pessoas me perguntam o que eu sinto nas pernas. Peso, rigidez. Todos os dias preciso lutar para me mover. O centro do corpo, o abdômen, me lembra um navio encalhado, difícil de se fazer movimentar. A perna direita nem sempre consegue se levantar para fazer o movimento da marcha e, às vezes, precisa ser arrastada. Eu já me habituei a andar desse jeito; dizem que nos habituamos a tudo. Não sei se concordo, não consigo me acostumar com a morte dentro

de mim. Talvez o que mais doa na esclerose múltipla seja sentir que algumas partes do meu corpo estão mortas.

De balão a navio encalhado. O que quer uma pessoa com uma doença dessas? Afora o óbvio, que ela vá embora, eu quero não me perder de mim, quero continuar a ser eu. Me lembro de uma conversa que ouvi na antessala do consultório do meu médico. Pai e mãe acompanhavam a filha, a jovem estava emudecida, encolhida no sofá. Para um desconhecido sentado ao lado, eles falavam da doença dela como se ela não estivesse ali. “A sorte é que ela é caseira, sempre gostou de ficar em casa, não sei como seria se tivesse acontecido com nosso outro filho”, e por aí continuaram. Ainda me pergunto se a moça ouviu o mesmo que eu: que bom que aconteceu com ela e não com ele.

Eu sou o outro filho, o rueiro. E para não me perder de mim, continuei nas ruas. Nas ruas, eu sou atravessada pelos olhares o tempo inteiro. As pessoas olham e muitas se aproximam. Já li que é mais fácil conhecer pessoas quando você está sozinha. No meu caso, a abertura é ainda maior: estou sozinha e com as minhas mazelas escancaradas. Sei que existem doenças muito mais graves do que a minha ou que impõem restrições mais severas aos seus portadores, mas essa particularidade da minha – ser visível – causa uma série de reações nas pessoas.

Elas estão sempre a oferecer ajuda ou um gesto de gentileza. Mas essa não é uma relação pacífica. Algumas pessoas me sufocam com uma necessidade que é mais delas

do que minha – o desejo de se provarem boas. Parece que eu me transformei em um objeto que revela e atíça as crenças, as aflições e os desejos das pessoas.

Ouçõ da idosa: tenho muito medo de cair, quando a gente fica mais velha, dá muito medo de cair. Escuto de uma recém-conhecida: você me inspirou, percebi que se você pode viajar sozinha eu também posso. Sem que eu pergunte, as pessoas compartilham comigo seus problemas de saúde, seus medos e aspirações. Me veem exposta e vulnerável, e acho que essa imagem repercute nelas como uma permissão para que também se desnudem.

Recebo reações inflamadas de alguns desconhecidos, já que meu estado debilitado desafia suas crenças. Assim, sou condenada de forma sumária: se você tivesse fé, se você fizesse visualizações de cura. Sou acusada de não querer me curar: se você quisesse mesmo resolver esse problema, você iria no João de Deus. Ele era bastante citado antes do escândalo, mas a lista aqui é interminável. Inclui: física quântica, aromaterapia, cristais, hipnose, ozonoterapia, e assim segue. Diante de tanto desvelo, minhas emoções oscilam entre gratidão, impaciência e perplexidade.

Meu médico é adepto do discurso: quem sou eu para dizer quais são os limites do seu corpo? Já que é assim, aproveitei a consulta para solicitar um atestado que me autorizasse a fazer aulas de equitação. A escola havia exigido esse documento para me aceitar como aluna.

– Você quer dizer fazer aulas de equoterapia?

– Não, já fiz aulas de equoterapia, me cansei delas. Agora quero fazer equitação.

Silêncio, que durou alguns minutos. Ele é baixinho e até pareceu ganhar alguns centímetros, retesado que ficou na sua poltrona. Por fim, fez o atestado, que saiu com uma advertência: ela tem déficit de equilíbrio.

Não caí do cavalo e aprendi a trotar e a galopar. Dos limites do meu corpo sei eu. Bem, a história não é bem assim. A escola me ofereceu seu cavalo mais inteligente. Um quarto de milha que só era afetuoso com minha professora e mais ninguém. Comigo, comportava-se como um profissional impassível que estava ali para cumprir seu ofício. Ao menor sinal de instabilidade do meu corpo, ele diminuía o passo. Antes mesmo que o desequilíbrio se tornasse perceptível para nós, humanos, ele já se ajustava. Quando não me sentia firme, ele se recusava a apressar o passo, desobedecendo aos comandos, ignorando até mesmo a professora. E no dia em que eu cheguei na escola irritada, depois de uma noite mal dormida, naquele dia em que qualquer um diria não ser o momento para testar o meu equilíbrio, Tostão disparou pela pista. Lá estava eu galopando pela primeira vez.

Com frequência, estou em lugares em que sou a única com mobilidade reduzida. Foi assim na escola de equitação, é assim na academia de ginástica. As pessoas não esperam me encontrar ali. Não sei explicar o que sinto ao perceber

os olhares sobre mim, talvez porque envolva tantas emoções que elas formam um nó. Mas, passada a novidade, nos ajustamos um ao outro. Na escola de equitação, ouvia a professora sempre dizer aos alunos que aprendiam a saltar obstáculos: cair do cavalo não é nada de mais, vocês têm que se acostumar. Já para mim ela falava: não vamos deixar você cair. E olhava para o Tostão.

Já fiz pilates e fisioterapia – mas gosto mesmo é de uma academia de musculação. Gosto de puxar peso, de ver os corpos trincados, de sentir a testosterona no ar. Não me sinto deslocada na minha academia, talvez porque a única diferença entre mim e os meus colegas seja a quantidade de peso que cada um levanta. Já quando fazia pilates e fisioterapia, nos tempos em que me deixava levar por aquilo que os outros consideram ser adequado para mim, me sentia oprimida, vencida pela doença.

Tenho aulas com um personal experiente em casos especiais. Numa semana ele não pôde me atender e me encaminhou para seu amigo fisiculturista. Deu o horário da aula, e ele não tirava os olhos do celular.

– Gui não para de me mandar mensagens, está com medo de que você acabe se contundindo.

Também estou, pensei.

Seguimos para o primeiro aparelho. Ele colocou um peso que devia considerar levíssimo.

– Sem chance.

Então ele diminuiu o peso.

– Continua não dando.

– Nossa – deixou escapar.

Ele largou o celular, pois tinha suas próprias ideias sobre quais exercícios queria passar para mim. Parecendo não ver minhas limitações, me levou para aparelhos que eu nunca experimentara. Com a resposta já pronta, disse que não ia dar, ele insistiu, alguns deram certo, outros não. Depois de um tempo, fiquei com vontade de continuar a ter aulas com ele – suas trapalhadas me divertiam, nós dois sabíamos brincar de desviar o olhar, de não dar muito espaço para a minha doença.

Acho que as pessoas imaginam que a esclerose ocupa um lugar demasiado grande na minha vida. Elas se enganam e acertam, mas mesmo quando acertam estão enganadas. A esclerose me trouxe felicidade e dor. Felicidade e dor não são duas palavras que as pessoas costumam associar em conjunto, daí tanta incompreensão. Antes, eu até podia saber quais atividades me alegravam, em quais lugares eu queria estar, mas era como se eu não soubesse. Tudo podia ser adiado ou era difícil de ser implementado ou era um capricho do qual eu não me permitia usufruir. Agora, não mais.

Transformada em girassol, me mudei para Jericoacoara. Às pessoas digo que é o lugar onde eu mais gosto de estar. Mas é bem mais do que isso: Jeri me revira pelo avesso.

Lá, pulo da cama para chegar na praia antes dos turistas. E eu que pensei que nunca mais usaria essa expressão na primeira pessoa. Lá, choro, sofro, porque aquela vida exuberante contrasta com as partes mortas do meu corpo. Corpos que surfam, correm, pulam ondas, sobem dunas, corpos que caminham. Nas cidades de corpos encarcerados entre quatro paredes, esparramados em sofás, não sinto tanto esse descompasso. Lá, choro, me angustio, odeio os olhares, me banho no mar, me arrasto para ver o pôr do sol, saio à noite, e sinto que o navio se mexe.



# Penélope paralela

Ana Barros

ficção •

**T**rês horas da manhã de uma quinta em quarentena, Penélope está trancada em casa sem emprego e longe dos seus pais, que já são bem velhos, grupo de risco. Ela caminha de um lado para o outro da quitinete, acende uma ponta, dá dois tragos, percebe que fumou o filtro, droga, vai ser difícil comprar mais agora. Será que seu corre também tá de quarentena? Provavelmente. Não aglomerar. Não aglomerar. No mundo normal, uma hora dessas, ela estaria fechando o bar, depois de ter feito uns cem drinques de Cynar com tônica e limão. O famoso Cynar Sour. Agora no novo normal – que expressão tosca! –, ela está sufocando em seus 25 metros quadrados, sem papel higiênico, porque foi a primeira coisa que acabou no Pão de Açúcar perto de sua casa.

Preciso sair! Três horas da manhã não tem ninguém na rua, só os noias debaixo do Minhocão. Penélope fica na ponta dos pés para pegar a bike que está exposta na parede

da sala/quarto/cozinha, coloca ela no ombro e sai de casa. É sempre difícil encaixar esse trambolho no elevador; se alguém olhar pela câmara, com certeza rirá de seu esforço. As mãos se sujam de graxa, ela as limpa na calça do pijama de moletom cinza. O elevador desce até o hall, vazio, como o cenário de um hotel fantasma capenga.

Ela sai, começa a pedalar e sente o vento gelado no rosto depois de um mês trancada em casa. Até que não é tanto tempo assim, mas, porra, ficar presa em 25 metros quadrados por um mês parece uma eternidade. Ela pedala em direção à Avenida Angélica para subir o Minhocão. Que delícia; enfim, livre. Ela pedala mais rápido, e mais rápido, se levanta sobre os pedais para sentir o vento por todo o corpo. Pedalando em pé, consegue ser mais veloz ainda. Senta de novo e pedala, pedala, pedala. Até que avista uma luz branca – será que é um carro? A luz branca aumenta, cobre todo o Elevado, um círculo se abre dentro da luz e a pista continua em seu centro, do outro lado Penélope se vê como se fosse um espelho, mas está ruiva, ruiva?! Ela tenta desviar, mas não consegue, a bike não tem freio, maldita fixa! Ela prende o joelho, mas é tarde demais, e vai de encontro a seu outro eu ruivo e capota para dentro da luz.

Caralho! Pijama rosa rasgado (Rosa? Não era cinza?), nariz sangrando, vê estrelinhas. Tontura forte. A bike está amassada, o Minhocão vazio, a luz desapareceu. Penélope volta para casa se arrastando. O que foi que aconteceu?

Filtro de beque nunca dá essa brisa doida. Será que aqueles putos tinham mergulhado em LSD? Não é possível, ela teria sentido antes. Ou não? Era essa a pegadinha? Haha, muito engraçado! Só queria fumar um bequinho em paz e dar um rolê desprezioso de bike. Agora ela já está de volta ao apê minúsculo, ainda tonta e arranhada, sem nada para fumar. Fez um drinquinho para relaxar, uma dose de Aperol (Aperol? Cadê a garrafa de Cynar que estava aberta?), gelo e prosecco até encher a taça (Quê? Prosecco? Não bebe isso desde que morava com os pais), ahhhh, refrescante, como nos velhos tempos que não eram tão velhos assim, mas parecem, porque ficar um mês trancada em 25 metros quadrados parece uma eternidade. Mas, espera... esse apartamento parece ter uns 200 metros quadrados.

Meu deus!, Penélope sai correndo do apartamento e desce até o hall, wowww, como não tinha visto isso quando chegou? Lustres de cristais iluminam o piso de porcelanato branco, espelhos por toda a extensão das paredes. Ela se aproxima e se vê ruiva, ruiva?, mas o resto está igual. Que brisa doida! Senta no sofá de couro do hall e pensa: ela abriu a porta de casa com sua própria chave, disso ela se lembra. Volta para o apartamento para investigar, tinha alguns livros iguais, algumas roupas também, mas de resto era tudo muito mais... chique. E onde ela guardava os beques tinha cinco já bolados e dois potinhos com pó. Pó? Não, ela não faria isso. Faria?

Pega um beque e acende, que delícia, esse é dos bons, não aquele prensado vagabundo a que estava acostumada. Enquanto ele queima, decide voltar ao local onde viu a luz branca, em busca de respostas. Então, coloca uma das roupas chiques, um macacão de paetê vermelho que encontra no armário e sai. O apartamento fica a dois quarteirões de seu antigo. Como ela chegou ali sem perceber? A rua é um declive, e em poucos minutos ela está de volta ao Minhocão. Pedala e pedala, mas a luz não reaparece, ela tinha andado pelo menos uns dez minutos de bike. Continua pedalando, já está cansada – nunca se cansa assim. A luz branca reaparece, primeiro bem pequena, depois cresce, cresce e lá longe ela vê a pista espelhada e a si mesma, sim, tem certeza, cabelos loiros como antes. Se aproxima, mas sem se afobar, o duplo faz o mesmo, bem devagar elas se tocam pelo espelho/portal. Elas sorriem ao mesmo tempo e se encaram, não atravessam o portal. Depois, em uma sincronia perfeita, elas ficam de costas uma para outra e vão embora, cada uma para a sua nova vida.

**Ana Barros** ([anacrolinasbarros@gmail.com](mailto:anacrolinasbarros@gmail.com)) é mulher, brasileira, nascida em Santos. Designer de moda por formação e especialista em branding. Tem muitos interesses: cerâmica, cerveja, literatura, fotografia e cinema. Foi na escrita que descobriu que pode falar sobre todos os assuntos que ama.

# Cartas de para sempre

Ana Dias

não ficção •

## Carta aos pais

Affonso acordou tarde naquele dia de calor em Jacarezinho. Uma *réstia de sol* entrou pela janela e ele se deixou ficar ali, quieto, na penumbra do quarto, imaginando o que diria a seus pais, na carta que pretendia escrever. A semana tinha sido de grandes emoções, e a maior de todas tinha sido, sem dúvida, o “sim” sussurrado por Ruth, no rápido encontro dos dois. Tinha ficado tão ansioso que pensou não ouvir direito, precisou fazê-la repetir mais alto, quando ela então ficou, entre séria e sem graça, daquele jeito que ele achou sedutor, pois não sabia ainda que era totalmente natural.

O almoço na Fazenda São Geraldo, naquele sábado seguinte de Natal, seria para *deixar tudo arranjado*. Agora Affonso pensava no que lhe provocava mais alegria naquela

manhã: escrever aos seus pais comunicando o noivado ou saborear o sucesso de sua tática.

*Adel Ruth. Ruth.* Suspirou preguiçoso naquele primeiro domingo de dezembro, um dos raros em que não tinha trabalho pela frente. Lembrou-se dos olhares trocados, com rapidez, na missa, meses antes. Um toque no chapéu, na saída, logo na primeira vez, em que apenas uns cinco metros de distância o separavam dela, na porta da igreja. Ela tinha respondido com um meio sorriso, mas os olhos escuros cravaram nos seus e ele sentiu que era bom sinal. Aquele mês de setembro passou, passaram quatro missas, mas não viu mais Ruth. “Marciano, o cunhado, está fora, em Cambará”, informou Chiquinho do Pé, único engraxate de Jacarezinho, que tudo sabia. Não havia mais ninguém a quem ele pudesse perguntar por ela, sem despertar curiosidades indevidas.

Por mero acaso, fofocas de cidade pequena, soube depois que Ruth estava em São Paulo, na casa dos tios. Pensou em telegrafar, mas logo desistiu: *uma tal ousadia poria tudo a perder*. Telegrafar para a sobrinha de Nenê e Augusto de Macedo Costa, do nada, de repente, não cabia nos códigos da época, ainda que as famílias se conhecessem. O velho casal de tios morava numa bela casa na rua São Vicente de Paula, com seus quatro filhos ainda crianças, e acolhia a sobrinha, solteira e órfã, quando ela estava em São Paulo. Não entenderia jamais uma aproximação súbita, por telegrama – seria uma insolência.

Além disso, o que sabia ele de Ruth? No final das contas, muito pouco, praticamente nada. Por que ela não se casara ainda, se já se tinha notícia de um pretendente no Rio de Janeiro e ainda das intenções evidentes de M., seu adversário, ali mesmo, em Jacarezinho? Odiou M. Depois riu, *era uma besta*. Já o pretendente carioca era algo tão distante de seu mundo que Affonso preferiu nem especular.

Um folheto da casa Sucena, apenas, delicado, com palavras de apreço, a ser entregue em mãos a Ruth por seu cunhado, Marciano de Barros. Este tinha sido o plano de Affonso que, agora ele mesmo reconhecia, fora muito singelo. Mas tinha dado certo, o que comprovava a máxima jurídica de que *o justo já emerge claro, no início*. Sem necessidade de muitas firulas. E, do folheto entregue a Ruth, até aquele momento em que Affonso olhava o sol diminuindo na parede – quantas coisas se tinham passado na sua vida, como no cinema, novidade daqueles tempos que só existia na capital, jamais ali em Jacarezinho.

Affonso rememorava o *desterro* daqueles dias em que não havia sinal de Ruth em Jacarezinho, o velho Jacaré, como alguns gostavam de chamar a cidade, à beira do rio de mesmo nome, distante 400 quilômetros de São Paulo. Fora longo e triste aquele período em que ficou sem notícias do paradeiro dela. Naqueles tempos, ele trabalhava sem entusiasmo, *esteve irritadiço*, desconcentrado. Ficou atentíssimo como um cão de guarda, vigiando ansiosamente a volta dela

ao Paraná. Por sorte, encontrou Marciano na rua, após quase cinquenta dias, e ele confirmou, sem ser perguntado, que as irmãs Glorinha e Ruth estariam juntas no próximo fim de semana, na Fazenda São Geraldo. Em Jacarezinho, finalmente.

O domingo chegou e, na missa, ela sorriu de verdade. Parecia mais alta que ele, de repente, quando topou com o trio na porta da igreja. “*Mas que calor*”, disse Ruth. Espontaneamente. Glorinha logo cortou, sibilando um “*Sim, como sempre nessa época, nesse Paraná*” – ela era mais miúda, os olhos grandes e inquisitivos, parecia uma boneca ao lado de Marciano, que tinha um porte gigante aos olhos de Affonso. O tempo se encarregaria de melhor definir todas essas impressões de Affonso, que confirmava como se fossem novidades, agora que os olhos passaram a prestar toda atenção do mundo em Ruth, aquela neta de dona Anninha, aquela moça morena e misteriosa, aquela moça Ruth, tão diferente das mulheres – poucas – com quem ele tinha estado até então.

As mulheres, em 1935, tão brancas, tão diáfanas e escondidas em roupas escuríssimas naquela soalheira do interior do Paraná, lhe cheiravam a azedo. Não que tivesse chegado muito perto delas, até o momento. Tímido, Affonso resolvia-se com as chamadas *canalhices* da época, mas vez por outra ficava melancólico, imaginando como ou *se* encontraria uma verdadeira noiva, uma mulher para se casar e ter filhos, ele, àquela altura, um quase velho de trinta e três

anos. Será que uma mulher, para compor uma vida familiar, teria que se parecer com sua própria mãe? A ideia lhe dava arrepios. Indiferente e fria, pensava Affonso, sua mãe sempre parecia procurar por algo com que se preocupar em relação ao seu irmão caçula, Fernando, e mal estendia-lhe a mão para a bênção, desde pequeno. Tinha a sensação de sombra e de sobra, sempre que estava ao lado dela. E nos dias de tristeza, sozinho em seu quarto de pensão na cidade, Affonso se achava um pobre desgraçado que em ninguém despertava afeto verdadeiro.

Pensava naquele amor profundo da infância que lhe fora tomado, e a ternura evocada só pela lembrança da irmã Elcydia o deixava emocionado, choroso até, para sua suprema vergonha. Amava ainda a irmã morta, em silêncio diário, com lembranças que se tornavam um pouco vagas com o passar dos anos. Não tinha ideia se poderia amar mais alguém daquele jeito. Se amar alguém era se sentir daquele jeito. Muita poesia e muito lirismo se confundiam na cabeça daquele jovem advogado que se julgava velho, à frente de tantas responsabilidades, envolvido em tantos debates. A morte tinha levado sua irmã Elcydia muito cedo, numa manhã de Natal, e ele só se livrou da opressão que sentia em sua casa, no confinamento da fazenda, quando finalmente desembarcou em São Paulo, pronto para os estudos no Largo de São Francisco, em 1923. Ali foi feliz, lembrou-se. O convívio com os amigos, as noitadas, as francesas: tudo veio

junto na capital paulista, a ponto de *estonteá-lo*. Àquela vida modorrenta, escura e sem graça do interior paranaense ele não pretendia voltar nunca mais. Mas voltou.

Durante os anos em São Paulo, sentiu-se talhado para os grandes temas, para a política, a amizade e a Revolução. O sucesso na primeira eleição livre e direta da história do País, pela qual tanto lutaram os estudantes das Arcadas, ainda que se tivesse produzido ali dentro dos muros da academia e não na política real, parecia ter injetado ânimo novo em todos e o feito tinha sido razoavelmente noticiado até para fora de São Paulo. A faculdade fervilhava. Ele mal podia crer, tinha sido ele, Affonso, o primeiro presidente eleito livremente por voto secreto do Centro Acadêmico XI de Agosto. Achava graça no espanto invejoso daqueles poucos que duvidaram dele – e de quem sabia o nome de cor –, verdadeiros desafetos daí em diante.

Repetia “Sr. Presidente” para si mesmo em voz alta, vez ou outra, no escuro de seu quarto na pensão, e sorria ali, sozinho, sem vergonha, sem modéstia. A campanha havia sido intensa, regada a mil tertúlias pelos corredores e pelos cafés do centro de São Paulo. Affonso recordava o quanto tinha se sentido, aos 24 anos, vivo, forte, totalmente comprometido com uma causa pela qual valia a pena até morrer. A Liberdade. A República.

Aquela vitória – não um *brilhareco* – realmente tinha sido doce, inebriante. O entusiasmo dos amigos, os vivas,

as comemorações regadas a vinho barato, a ressaca do dia seguinte, tudo voltava agora à sua mente, como num filme que já tinha ficado para trás. Tinha trabalhado e estudado com entusiasmo naqueles anos. Com o tempo, viu que a Presidência do XI era mais burocracia e aborrecimento do que qualquer outra coisa: pedidos para atender, a estudantada desorganizada e mais interessada em beber e recitar poesia do que mudar os rumos do Brasil, Affonso foi se desencantando com a política estudantil. Ao fim do mandato, deu graças por não existir reeleição, trabalhou ardentemente para eleger seu sucessor, o amigo Joviro Foz, torcendo sinceramente pela continuidade do que imaginava ter sido uma boa e suficiente contribuição à causa republicana.

Em 32, já formado, a Revolução finalmente estava na rua, que alegria. Iam todos se alistar e ter um destino glorioso, pelo que vinham lutando desde os tempos de faculdade. *São Paulo se punha em pé contra o ditador*. Voltou ao Paraná e comunicou a decisão de se alistar aos velhos pais. A bronca homérica que levou do pai e a voz estridente da mãe foram um balde de água fria no seu entusiasmo – e no de muitos outros jovens obedientes da época. Cultivou a vergonha de não ter desobedecido aos pais por algum tempo, mas a revolução fora liquidada alguns meses depois, conforme o velho Fernando Eugenio, seu pai, previra.\*

Ana Dias (analuciapiresodias@gmail.com) largou o Jornalismo pelo Direito em 1985, e ali permaneceu por mais de trinta anos, na advocacia pública e na academia.

---

\* Primeiro capítulo do livro que, partindo de cartas enviadas por um jovem advogado à noiva em 1935-1936, reconta a história de amor dos avós maternos da autora, do ponto de vista de quem conviveu e morou com ambos.



# Ida para lugar nenhum

Camilla Loreta

não ficção •

**S**empre quis escrever chegando próximo ao sentimento que tenho quando ouço “Suzanne” na voz de Leonard Cohen, que abraça meus tímpanos, levando o leitor por dentro de uma fotografia, ou uma cena que bem poderia ser parte do filme *Paris, Texas*.

Jane não vê Travis, apenas Travis vê Jane.

Jane ri disso e diz: Não importa.

O vestido de Jane, rosa felpudo, ao fundo a TV chiada, o mobiliário rosa e vermelho.

Jane é uma das mulheres mais bonitas do cinema.

Jane diz a Travis que só vai ouvir, mesmo sem saber que Travis perdeu a memória.

Travis limpa as lágrimas.

Jane olha para o lado e pergunta: Há algo que queira me contar? Jane se parece comigo nesse momento.

Travis responde que: Não.

Eu gostaria de ter o cabelo de Jane, tentei ter uma época, não deu certo, não encontrei nenhum desmemoriado.

Jane parece triste, assim como eu, como se sentisse falta de alguma coisa, aquele insaciável espaço destituído. Já eu, quando reconheço aos poucos esse espaço chegar, procuro ocupar-me com a melancolia que se opõe a meu peito. Deitada na cama, afundada em pensamentos sem saída, retomo a linha genética tentando compreender se a sensação vem por herança, se a melancolia veio antes mesmo de mim. A conclusão teima em não chegar, e me perco em narrativas múltiplas de histórias antigas sem compromisso com nada além da memória da família. O que fica é a sensação de não pertencimento, que se revela num descuido sistêmico físico corporal, numa simples puxada de boca, uma roída de unha, um tremor nas mãos, quanto me sinto inadequada.

Talvez nas viagens eu consiga, de algum modo, esquecer meu contorno que é uma estrada certa ao miolo da tristeza. Como não posso viajar, abro o computador e assisto a filmes. Numa luta interna, para apaziguar, assisto filmes na esperança de que logo a melancolia poderá dar lugar a um novo sentimento, que chamo, muitas das vezes que sou espectadora, de empatia.

Para quem eu vou entregar meu contorno nessa trama?

Cinema, essa ilusão de relevo. Fico me perguntando se talvez seja nesse trecho da música “Suzanne” que me embala, pois, justamente, toco antes a ideia:

*And you want to travel with her / e você quer viajar com ela*  
*And you want to travel blind / e você quer viajar cego*  
*And you know that she will trust you / e você sabe que ela*  
vai confiar em você

*For you've touched her perfect body with your mind / por-*  
que você tocou seu corpo perfeito com sua mente

Um corpo na mente, um corpo na tela do cinema, esse corpo fantasmagórico, que não está ali, mas está em relação a você de uma maneira a lhe provocar deslocamentos, mesmo que eles sejam apenas imaginados. Na música ele diz que queremos viajar cegos, e sabemos que Suzanne vai confiar em nós, pois nossa ideia do corpo de Suzanne chegou antes.

Quando viajo, então, parece que busco antes a ideia da viagem, e a faço como quero, mas chegando lá é sempre tão diferente. Não importa o nível de planejamento mental, o esforço para a correspondência do que idealizei, as condições sempre mudam. Viajar para esse lugar chamado Paris, Texas, essa ideia de que ali, naquele território, tudo poderia se resolver, assim como se resolveu na antes mente de Travis, assim como ele estabeleceu que seria possível, em *Paris, Texas*, ele poderia ser outro homem, não mais apenas arrependido e desmemoriado, mas digno do amor de Jane. Jane, por sua vez, quatro anos sem ver Travis e seu filho, também imaginou como seria voltar a vê-los. Quando

Travis visita Jane na cabine, ela diz: Todos os homens têm sua voz.

Ela imaginou tanto aquele momento, que acabou perdendo o contorno de quando Travis realmente apareceu, não reconheceu que a voz que ouvia era justamente de quem ela tanto imaginou reencontrar. A melancolia vem daí? Da impossibilidade de desfrutar aquilo que se vê bem na sua frente, pois no jogo de relevos e movimentos o que, então, seria tátil?

Esses tempos pensei que a melancolia vinha na verdade do mundo, não só humano, o mundo como um todo. É um aspecto de existir, perceber a queda, esse lugar onde a energia foge pela tangente, não há quem capture. Seres destinados ao desequilíbrio, a perda da continuidade em linha reta. Queremos acreditar como Jane, ou Travis, que existe um oásis, onde poderíamos ser a imagem que vemos de nós mesmos, essa imagem fantasmática, sendo personagens e não pessoas.



O filho de Travis e de Jane, Hunter, aquele menino cabelo de tigela loiro que não me saiu nunca mais da memória das crianças que atuam e fazem filmes notáveis. Quer dizer, aquela criança não sei se foi achada para o papel, ou o papel foi feito para ela.

Hunter: *She sounded so sad*, que em português seria: Ela soou tão triste, palavras que em português soam adultas, mas em inglês cabem na boca dele.

Travis: Eu sei.

Hunter: Como acha que mamãe está agora? Hunter, em inglês, diz: *How mom looks right now*. O que é diferente de estar, é como aparece.

Travis sorri, o que tem sido menos raro desde que encontrou Hunter: Eu não sei. Você se lembra dela?

Hunter: Não, apenas daquele filminho que vimos.

Travis entrega, presenteia Hunter com uma sequência de fotos pequenas dos três, o menino as coloca debaixo do travesseiro, nessa hora tenho a impressão de que as fotos, da maneira que foram colocadas, vão dobrar com o peso de sua cabeça, e a lembrança única dos três juntos vai ser amassada. Isso me agonia, e fico pensando como o diretor não cortou, fez algo para tirar essa impressão.

Hunter: Você parecia feliz.

Travis respondendo: É.

E guarda as fotos sob o travesseiro, prontas para serem amassadas.



Essa ida para lugar nenhum, essa ida. A ida para lugar sem contorno seria um destino certo ao miolo da minha tristeza? Me leva a questionar: será que sou de fato melancólica?

Melancolia, essa palavra que tem origem do latim *melancholia* e do grego *melankholia*. Há dizeres que apontam para a tradução literal de “bile negra”, pois *melané* seria negro e *kholé* seria bile, e tempos atrás, tempos do medievo, diagnosticavam um excesso de bile negra no organismo como gerador de tristeza no sujeito. Excesso, a bile é liberada em situações de muita gordura ou tóxicos que envenenam o corpo, fazendo a reação ser mais violenta, de expulsar.

Foi lendo a obra do pensador indígena Kaká Werá, que dedica sua vida a nos ensinar um pouco sobre as perspectivas dos povos originários, que mergulhei no assunto dos sonhos. Ele nos ensina que, na tradição tupi, no nosso mundo, chamado de o “mundo de baixo” ou *nhenhenhen*, estaríamos imersos em emoções e experiências passageiras. Raiva, tristeza, apaixonamento, euforia seriam exemplos de emoções passageiras. O “mundo de baixo” seria o mundo da consciência, onde a lógica e a racionalidade imperam por necessidade de controle das emoções. Para os guarani não seria bem assim. No “mundo de baixo” não conseguimos apreender nada, os significados profundos se esvaem com

facilidade, seria no mundo dos sonhos que entraríamos em contato com a vida em si e toda sua potência.

Este é chamado de “mundo do meio”, na viagem de nossa alma até essa esfera paralela, onde se encontram também as almas das coisas vivas, dentre elas as almas das palavras. *Nheg* em tupi-guarani é alma e *nhe* é palavra, toda palavra tem alma, e no “mundo do meio” as palavras se manifestam em sua existência, assim como nós. Então, ao adentrarmos o “mundo do meio”, para os guarani, podemos nos colocar em contato com a palavra em sua forma viva, primeira, a alma da palavra.

Ouvindo esses ensinamentos me dei conta que ao me aproximar em demasia de uma palavra/alma posso confundir meu contorno com ela também, posso me travestir dela, já que ela tem uma alma, uma centelha de vida como eu. Me aproximei em demasia da palavra melancolia e hoje não sei como me afastar propriamente, apesar de saber que isso é necessário. O mundo do meio, dos sonhos, nos prova que há um contorno e uma separação entre minha alma e a alma da palavra, seja a palavra que for, pois a matéria da vida é transitória. Não há nada que fique em definitivo a não ser o “mundo do alto”, na tradição tupi e tantas outras, é a única certeza possível, pois somos o espelho desse mundo sagrado. De *Nhanderu*, como diriam os guaranis. Talvez por isso nos atraia tanto a linguagem, o cinema, a literatura, que nos fazem perder o contorno e nos misturarmos com um ou-

tro, esse outro que também é centelha do mundo do alto, onde mora a vida propriamente, a origem de nós. Quando nos perdemos, de certa maneira, reencontramos o que há de comum na existência, que é a vida, que aqui no mundo de baixo fica submersa na aparência, que no mundo do alto está em pleno vigor e jorro.

No meu estado horizontal relembro minha avó, Passarilha, Filomena, em cuja história, assim como na história de Travis e Jane, as fronteiras da memória foram se apagando conforme o tempo passou, e já não sei bem qual a versão seria mais próxima dos acontecimentos reais.

Foi em 2020 que ouvi o “mundo do meio” adentrar no “mundo de baixo”. Sabe-se que os povos originários usam plantas de poder para caminhar entre os mundos, para acesar o mundo dos sonhos mesmo sem dormir. No coração da mata atlântica, próxima do mar, acompanhada de amigos que vivem numa aldeia que brilha numa terra demarcada, adentrei um Opÿ (casa de rezas). De olhos fechados, com o rapé impregnado na mucosa do meu nariz, ouvi as maracas, o violão, a voz que conduzia ao escuro. Um túnel na consciência. A parede gelada de barro, o tapete estendido sob mim, as pessoas em transe, respirando profundamente. Havia uma presença outra, adornada com penas brancas na cabeça, cabelos lisos e fios grossos até os ombros, o nariz levemente adunco. Ela chegou perto de mim, numa comunicação inexplicável à lógica, e soprou. Eu perguntei: Vó? Ela respondeu: Eu.

Camilla pergunta: Onde você estava?

Vó Passarinha responde: Sempre estive aqui, você ainda não tinha visto.

Camilla recebe o cachimbo, Vó Passarinha ensina como soprar sobre o altar sagrado.

Vó Passarinha agradece, e relembra quantas vezes fez isso.

Camilla sonha acordada e visita palavras almas, enxerga contornos, e enxerga na fumaça a profecia escondida.



# Café e bolachas de água e sal

Carla Carneiro do Nascimento

ficção •

## Vila das Viúvas, 1979

**S**empre que voltava do trabalho, no fim do dia, Gioconda parava alguns minutos em frente à casa amarela de madeira para onde se mudara antes do nascimento do filho mais velho. A construção já não tinha mais o encanto da primeira vez em que a viu. O vermelho encarnado da porta e da janela da fachada tinha dado lugar a uma cor indefinida e desbotada. As vigas que sustentavam a pequena construção haviam afundado levemente no lado direito do terreno, dando a impressão de que em questão de dias tudo iria desmoronar. Hoje não foi diferente.

Gioconda subiu sem pressa os três degraus da escada que ficava na porta da frente e entrou. Olhou para o assoalho deformado. Nunca se acostumou com aquela sua sen-

sação de desequilíbrio todas as vezes que entrava em casa. Na parede da sala, os pôsteres da Diana Ross e do Roberto Carlos disputavam a atenção com a imagem de Iemanjá em uma moldura dourada já meio descascada. Os cabelos longos e negros e o vestido azul e cheio de estrelas da Rainha das Águas ainda a encantavam. Antes de ir para o quarto, viu de relance a foto de Donna Summer estampada na capa do LP que estava em cima do aparelho de som. Sinal de que Rodolfo já estava em casa.

No cômodo apertado em que dormia com o marido e os dois filhos, era mais forte o cheiro azedo de vômito e cachaça já impregnado em toda a casa. Pelo chão, montinhos de trapos que um dia foram roupas. Pendurou a bolsa em um prego na parede que fazia as vezes de cabide, acima da cama. Antes de buscar as crianças na casa da vizinha, colocou água em uma chaleira para ferver. Para o jantar, café e bolachas de água e sal.

Enquanto olhava para as bolhas começando a se formar, mais uma vez foi levada para longe de si, como se deixasse de ser por um tempo. Esses momentos em que vagava por outros mundos sempre existiram, mas foram ficando cada vez mais frequentes, e só ela percebeu.

Até conhecer Rodolfo, Gioconda sempre soube que a única pessoa que notava sua existência era sua mãe. Não que ela pensasse que a mãe sentia sua ausência ou lhe dedicasse algum cuidado além do estritamente necessário, mas por-

que achava impossível alguém ignorar a existência de um ser que havia colocado no mundo. Ela era a terceira filha, fruto da relação com o terceiro homem que entrou e saiu da vida de sua mãe sem deixar paradeiro. Para entender o que via refletido nos olhos da mãe nas raras vezes em que se encaravam, Gioconda criou uma explicação e se agarrava a ela sempre que necessário: a pobre mulher já estava vencida pelo cansaço quando ela nasceu. Em meio ao silêncio da mãe, seguido pelo das irmãs, Gioconda teve tempo para passar os dias vagueando, pensando sobre si e sobre mundos que nem sabia que existiam.

Não se achava feia, tampouco bonita. Nunca tinha ouvido ninguém falar nada sobre sua aparência, nem sobre nada de seu. Nenhum elogio, zombaria, nada. Sempre acreditou não possuir um traço físico ou de personalidade de que alguém pudesse se lembrar com nitidez. Um gesto gracioso ou de força singular. Acreditava que nem mesmo o andar levemente claudicante desde o nascimento, por causa de um desvio no quadril, pudesse despertar algum interesse, fosse de atração ou de repulsa. Havia se acostumado a ser invisível, talvez porque se sentisse desconfortável sob a própria pele. Sempre a intrigou o fato de as pessoas não poderem escolher como virem ao mundo. Não apenas escolher o corpo que quisessem, mas quem gostariam de habitar. Afinal, ninguém pede para nascer; justo seria se pelo menos pudessem escolher de que jeito querem ser nesta vida, pensava.

Além de sua mãe, Rodolfo foi o único que a notou. Gioconda sabia que apenas isso explicava o fato de ter decidido unir sua vida à dele logo depois que se conheceram. Era um fim de tarde quente de agosto que só os manauaras conhecem. Um calor abafado, como se toda a cidade estivesse sob as mesmas folhas de zinco que cobriam palafitas e barracos. Rodolfo foi até a banca que a mãe de Gioconda colocava na Praça da Polícia. Bolo podre, mugunzá, comigo-ninguém-pode, cuscuz de viúva e bolo de macaxeira coloriam o tabuleiro. Sobre o fogareiro, o tucupi fumegava na panela sob os cuidados de Gioconda e de sua mãe, vestidas de um branco imaculado.

Gioconda não viu em Rodolfo nada que pudesse chamar sua atenção de imediato. Ele usava uma camisa azul que parecia ser larga demais para seu corpo magro. Era um pouco mais alto do que a maioria dos homens que ela já tinha visto, mas o andar um tanto encurvado fazia com que parecesse mais baixo do que realmente era. Sua pele tinha um tom marrom escuro, esturricado de sol. Devia ter 10 anos a mais do que ela, mas aparentava mais. Quase um velho, ela pensou. A única coisa que achou bonita nele foi o cabelo, liso como dos muras, e preto, como a pele dela.

– Um tacacá com muita pimenta e sem a goma – pediu ele.

– Gioconda, serve o moço!

Rodolfo achou o nome esquisito. Nunca tinha ouvido e não sabia se achava bonito ou feio. Raras eram suas certezas

na vida. Sempre gostava de ouvir a opinião dos outros antes de tomar uma decisão, foi o que ele disse a Gioconda, tempos depois.

– É sua filha? – perguntou, se dirigindo à mãe de Gioconda.

– Sim, a mais nova. Dezesete anos.

– Só tem ela?

– Tenho mais duas, mas já tomaram rumo na vida. Não vejo a hora dessa aí também se ajustar. Mas essa nem conversar sabe. Parece que está sempre aluada.

Alguma coisa no jeito de falar da mulher chamou atenção de Rodolfo para ela, que tinha um olhar que ele não sabia se era triste, indiferente ou aluado, como dissera sua mãe.

Na hora em que Rodolfo foi pagar a conta, Gioconda observou suas mãos. Ouviu em algum lugar que elas diziam muito sobre as pessoas. Os dedos das mãos de Rodolfo eram um tanto grossos na base, mas iam afinando até as pontas. Pareciam cumprimentar com frouxidão.

Rodolfo passou a ir à banca todos os dias, no mesmo horário. Embora nada nele despertasse a admiração de Gioconda, ela gostava de se ver pelos olhos dele, mesmo que não conseguisse decifrar se o olhar que ele lhe dirigia era de afeto, desejo ou desprezo. Com o tempo, soube que era de satisfação por finalmente acreditar que poderia possuir alguma coisa na vida.

Não demorou para que Rodolfo passasse a frequentar a casa onde agora viviam apenas Gioconda e a mãe. Nesses encontros, pouco tinham para falar sobre si, nada sobre o passado e tampouco sobre o futuro. Apenas a certeza de Gioconda de que um dia se uniria àquele homem sustentava aquelas conversas repletas de silêncios.

Em um dia qualquer, em que nada de especial poderia acontecer, Rodolfo se deitou sobre Gioconda. Não se uniram, não se entrelaçaram, fizeram um sexo bruto, seco. Ele a penetrou com violência. Ela sentiu dor e um grande alívio quando tudo terminou. Gioconda pensou que era assim mesmo e não entendeu porque davam tanto valor àquilo.

Desde então, os encontros se resumiram a sexo e silêncios, sempre que surgia a oportunidade. Gioconda não via muita graça. Passou até mesmo a se irritar, os seios sendo apalpadados e sugados, e a insistência das mãos de Rodolfo entre suas pernas. Percebeu que a única coisa de que realmente gostava era se ver no olhar de Rodolfo, de saber que existia. Para ela, isso era o que bastava.

Não demorou para que seu ventre começasse a crescer e os dois fossem viver na casa amarela de porta e janela encarnadas. No começo, Gioconda até quis pensar que a vida poderia ser boa. Enfeitava a casa com flores de papel crepom ou de tecido que comprava de uma vizinha, colocava plásticos decorados sobre mesinhas e nas prateleiras dos armários, passava os sábados encerando o chão da casa com uma

pasta vermelha e colava fotos e pôsteres de artistas, santos e paisagens nas paredes. Apostava em uma vida na qual ela determinaria o caminho a seguir. Mas não demorou para que a realidade se impusesse de forma irremediável. Gente fraca nunca consegue mudar a sina para a qual está destinada, pensava Gioconda.

Nem sabe dizer como as coisas aconteceram. O tempo passando, cada dia deixando um pequeno traço de ruína. Quando se deu conta, sentiu tudo desmoronar sobre si. Passar os dias limpando casas e objetos que nunca seriam seus, a comida que nunca era suficiente para alimentar bem os dois filhos, a música em volume máximo no aparelho de som, os cheiros da miséria se entranhando aos poucos e o seu vaguear cada vez mais frequente.

As bolhas se agitando dentro da chaleira a chamaram de volta. Desligou o fogo, derramou a água no coador de pano e bebeu o café ralo que saiu dali. Pegou a chaleira com a água ainda borbulhando e foi até a cama onde o corpo macilento de Rodolfo estava. Encontrou-o enrolado como um embuá e sentiu pena. Resolveu chamar os filhos que ainda estavam na casa da vizinha. No dia seguinte tinha faxina para fazer. Era hora de dormir.



# Território

Elisa Quadros

ficção •

**E**les chegaram, a buzina vinda do portão entrou pelos ouvidos e a fez franzir a testa. Teve dificuldades em escolher a roupa para recebê-los – pareço esnobe? Sedutora? Despojada? Mudou alguns móveis de lugar e zanzou pela casa, o dia todo remexendo nos cantos, procurando defeitos para consertá-los. Ao passar pela sala em passos curtos e apressados em direção à entrada, voltou e afofou de novo as almofadas do sofá.

Dois irmãos, duas cunhadas, três sobrinhos e o poodle Freddy, todos parentes do namorado dela, se atropelavam agora para sair dos carros, misturados a travesseiros – que mania as pessoas têm de viajar acompanhada de seus travesseiros –, sacolas de supermercado e mochilas, que sofriam com o mau jeito dos adolescentes de carregá-las com apenas uma alça no ombro. Lembrou-se de desfranzir a testa e co-

locar um sorriso no rosto. Fizeram uma boa viagem? Posso ajudar? O quarto de vocês é por aqui.

O namorado e ela estavam juntos há poucos meses e essa era a primeira vez que os parentes vinham ao sítio. Ele havia ficado viúvo pouco antes de a obra terminar, e os planos de inaugurar a casa com festa faziam parte dos sonhos de Vera Lúcia, mas morreram com ela. Portanto, cabia à nova companheira receber as pessoas que esperavam a alegria de quem sente orgulho do que faz, sem qualquer titubeio. Mas ela não era assim, e ocupar esses novos lugares na vida do namorado era como viajar de avião. O destino empolgava, mas a poltrona exigia a postura corrigida de tempos em tempos. No sítio onde costumavam passar os finais de semana, precisava se esforçar para não pensar em Vera Lúcia, que só conhecia por fotos e pela escolha dos lençóis, das louças, da cor nas paredes, do piso, das cortinas – muito bonitas, por sinal.

O namorado tinha ido até o centro da cidadezinha próxima comprar o pão que iria acompanhar a sopa de lentilhas no jantar com a família. Baguete com gergelim, ela pediu. Depois que todos se acomodaram nos quartos, ela voltou à cozinha para terminar de preparar a comida. Escolheu sopa porque a temperatura caía à noite, porque era leve, porque ela imaginou que todos fossem gostar. Mexia a panela pensando no café da manhã do dia seguinte. Talvez fosse melhor deixar a louça separada logo de uma vez. Usaria as peças de cerâmica que comprou ou melhor servir com a louça antiga?

Após o jantar, o namorado e os parentes continuaram contando histórias ressuscitadas de um passado do qual ela não fazia parte. Sentiu uma fisgada no ombro direito, tomou mais um gole do vinho que um dos irmãos dele trouxe. Simpático, ele. Não conseguia achar brechas para participar do papo. Ouvia com preguiça tudo aquilo e passou a conversar consigo mesma. Reparou no movimento das mãos de uma das cunhadas. Sempre que falava, cutucava o canto do polegar com o dedo indicador até levantar a pele ao lado da unha. Depois dava pequenas mordiscadas, retirava o pedaço de pele com a boca e a jogava no chão. Não faça isso, você vai arrumar uma inflamação nesse dedo. É nojento também – teve vontade de falar.

Interrompeu seu monólogo interno e pediu desculpas dizendo que precisava se deitar, que amanhã colheriam manga e abacate no pomar. Desejou boa noite aos parentes, deu um beijo ligeiro no namorado e fixou seu olhar nos olhos dele por alguns segundos, mas ele seria incapaz de reconhecer um pedido de vem comigo, deixa todo mundo aí. Acorudou antes do sol nascer. Repassou mentalmente os detalhes para o café da manhã, a refeição de que mais gostava. Foi até a sacada do quarto reparar na inauguração do dia. Preferia essas luzes matinais alaranjadas e rosas, mescladas com o cinza de algumas nuvens, do que apenas o amarelo excessivo do dia, sem nada para domá-lo. Teria tempo suficiente para fazer tudo com calma sem se sentir pressionada pelas

horas. Mas um uivo agudo vindo do quintal apressou seus movimentos. O sono do namorado foi transformado em susto e depois em perguntas que ela não tinha como responder ainda. Como ela poderia saber o que tinha acontecido?

Um cachorro chorava do lado de fora enquanto ela procurava a chave da porta que não estava no devido lugar. Viu que o namorado descia as escadas correndo, com a chave na mão. Encontraram Freddy, o poodle, desses encardidos e grandes que mais parecem uma ovelha, com o pescoço na boca do Alfredo, seu cão. Freddy, desde que chegou, não parou de latir para Alfredo. Roubou suas bolinhas preferidas, mordeu suas orelhas, fez questão de comer no pote que não era o seu. Alfredo, com a boca no pescoço de Freddy, forçando-o contra o chão com uma pata sobre o peito, passou um recado simples: me deixe em paz. O restante dos parentes também acordou e a agitação preencheu o lugar. Sentiu os olhares gritando até ela – seu cachorro é um monstro, quer matar nosso Freddy. Correu até o quintal, se agachou ao lado de Alfredo e disse solta com a voz firme, mas sem elevar o tom. Freddy foi libertado, mas passaria o fim de semana embaixo da mesa, tremendo de vez em quando.

Pedi desculpas aos parentes, o namorado a abraçou, seu jeito de dizer que estava tudo bem. É claro que não estava. Ainda precisava preparar o bendito café da manhã. E tudo saiu do ritmo por causa daquele cão que mais parecia uma ovelha. Mas não tinha muita escolha. Queria

encontrar esse lugar ao lado do namorado, não era mais uma menina.

Lavou as mãos e se enfiou na cozinha para retomar seus planos. Pediu ao namorado que levasse os parentes para conhecer o pomar; ela ficaria ali nos preparos do café, e quando voltassem estaria tudo pronto. Assim ela pode se concentrar. Pegou o mamão, cortou a ponta, passou a faca por todo o corpo da fruta, retirando a casca de forma certa. Fez um corte no meio e guardou as sementes para plantar mais tarde. Picou o mamão em cubinhos e o colocou na tigela de cerâmica. Preparou suco de laranja com morango, coou o café moído na hora, tirou do forno o bolo de fubá com coco. Foi cuidar da mesa.

Optou por mesclar a louça da casa, da Vera Lúcia, com as peças de cerâmica compradas recentemente. Achou que ficaria harmônico. Dobrou um por um os guardanapos e os colocou em cima dos pratinhos, já emoldurados pelas facas à direita, garfos à esquerda e colheres à frente. Quanto mais arrumada a mesa, menos seus pensamentos se desorganizavam.

O resto do fim de semana passou como esperado. Se dividiram nas tarefas domésticas, ela pouco falou, mas não deixou de sorrir. A dor no ombro volta e meia a lembrava de soltar o ar preso no abdômen. A tarde de domingo foi preenchida na cadência própria do dia, o almoço mais demorado, a louça recolhida e depois esquecida na pia, o namorado no sofá, cochilando e acordando com o excesso de conversa

ao redor. Da cozinha, a cunhada gritou, sem reparar que o irmão tentava engatar no sono. Seu sítio é lindo! Ele agradeceu, mas sentiu necessidade de justificar que tudo ali era mérito da Vera Lúcia. Ela tinha muito bom gosto. A frase cortou a atenção de sua companheira, que guardava um prato no armário. A única coisa que ela não fez foi a piscina, escutou-o dizer. Morreu antes de ficar pronta, coitada.

Neste momento, como se tudo ao redor silenciasse, ela mirou a piscina. Como ficou tanto tempo sem essa informação? Pediu licença às cunhadas, subiu as escadas para o quarto e fechou a porta. O sorriso, antes forçado, agora surgia como alívio. Abriu a mala, pegou o maiô azul-marinho e o vestiu com cuidado. Por cima, escolheu uma roupa que fazia as vezes de saída de praia. Desceu com um sorriso no canto da boca, ouvindo alguém perguntar: Vai entrar na piscina agora? Iremos embora em poucas horas. Seguiu em frente sem responder, o ar ainda estava quente. Chegou na borda da piscina, se sentou colocando os pés dentro d'água. Morna. Do jeito que gostava. Apoiou as mãos na beirada e projetou o corpo, deixando seu peso se encarregar do caminho que deveria percorrer até ficar submersa. Soltou toda a resistência que pudesse haver e afundou, prendendo a respiração.

Queria que cada parte sua fosse envolvida pela temperatura da água. Contou dez segundos no fundo da piscina e voltou à tona. Abriu os braços em cruz, estufou a barriga, esticou as pernas, os pés em ponta, e ficou na mesma linha

da superfície. Pelos ouvidos, os sons entravam filtrados pela água, sem qualquer nitidez. Quanto menos ouvia o que vinha de fora, mais notava sua respiração, o sangue circulando pelas veias, os pensamentos se dissolvendo naquela atmosfera líquida e azul. Alguém veio dar tchau e ela apenas sorriu, incapaz de tirar o corpo daquele estado em que todos os pesos carregados agora boiavam à deriva.

Ao perceber que a casa estava silenciosa novamente, levantou a cabeça para tentar entender que lugar era aquele. Viu Alfredo, seu cão, deitado na soleira da porta, olhando para ela com um leve abanar de rabo. Sorriu para ele dali, de seu novo território, de onde começava a se encaixar.



# Em busca do que toca violão

Elisabeth Figueira

não ficção •

Sentada no banco de trás do fusca, tentava entender como eu havia chegado àquela situação. Como pude ir conversar com um estranho que, até então, do que sabia a respeito, era enganador e agressivo? Sempre fiquei longe, o máximo possível, de brigas e confusão. Só neste país, mesmo! Onde já se viu? Deveria ter um jeito do fórum descobrir o endereço dele. O judiciário deveria ter como localizar os intimados. Eu, intérprete, precisar fazer isso? Não era meu papel. Mas como ela iria se comunicar se eu não fosse junto?

Um ou dois dias antes, estava em um fórum na zona leste da cidade de São Paulo trabalhando como intérprete de Libras a pedido dela, uma jovem surda, minha aluna numa turma de Educação de Jovens e Adultos. Rô estava separada do marido ouvinte, ou seja, não surdo, há algum

tempo. Tinham uma filha. A guarda estava com ela e o pai não pagava a pensão.

Quando aceitei, sabia que seria de forma voluntária. Estávamos nos anos 90, a língua brasileira de sinais ainda não havia sido reconhecida e muito menos a profissão de tradutor intérprete de Libras. Mas, por trabalhar como professora numa escola de surdos e conviver com essa comunidade, muitas vezes pediam para que eu auxiliasse alguém. A dificuldade para se expressar oralmente sempre comprometeu a interação dos surdos na escola, no trabalho, em hospitais, nas igrejas, em atividades de lazer e até mesmo na família. Minha proximidade com essa realidade despertou empatia pela causa e o desejo de contribuir para que a voz surda pudesse ser ouvida em todas as áreas da sociedade.

Mas esse desejo, de vez em quando, me colocava em situações desafiadoras. Considerando a timidez natural que me acompanhava desde a infância, não era fácil me dirigir às autoridades policiais, aos juízes, a políticos e, mais ainda, às pessoas que demonstrassem algum grau de hostilidade. Fugia dessas situações. Mas, às vezes, para apoiar alguém, acabava me envolvendo em ocorrências que não me pertenciam. Assim cheguei naquela audiência.

O juiz determinou que o pai da criança fosse intimado a se apresentar no tribunal. Perguntou o endereço dele, mas, como Rô e Ney, seu atual companheiro, também surdo, disseram não ter certeza, pediu que depois informassem ao

fórum. Só então seria designado um oficial de justiça para efetivar a notificação ao genitor devedor.

Fomos levados para outra sala onde a jovem deveria assinar uma documentação. Calmamente e em voz baixa, me dirigi ao homem que entregava a ela o registro impresso das declarações prestadas durante a audiência: *Senhor, com licença. Ela é surda e tem certa dificuldade com a língua portuguesa escrita. Sou intérprete e vou traduzir para ela antes que assine, tá bom?*

Com olhos e voz de indignação e superioridade, o funcionário falou: *Surda? Não fale assim! Que falta de respeito. Ela é deficiente. Não escuta. Coitada!*

Fiquei irritada com seu ar de superioridade e incomodada com o capacitismo da sua fala. Em defesa da causa recém-abraçada por mim, tentei esclarecer a situação de forma branda. Buscando a versão ideal em minha gavetinha de vozes gentis e educadas, disse: *Senhor, na verdade, as pessoas com deficiência auditiva não gostam que se use a palavra deficiente (frisei bem essa última palavra) para se referir a elas. Preferem que se fale que são surdas, surdos ou pessoa com surdez. O senhor sabe que, atualmente,...*

Meu cérebro buscava rapidamente mais frases respeitadas e convincentes para explicar a ele que lideranças surdas promoviam naquele momento movimentos em favor do reconhecimento da língua de sinais brasileira. Queriam ser vistos pela sociedade não como pessoas incompletas, deficientes ou com alguma incapacidade. Mas como uma mino-

ria linguística do mesmo modo que os indígenas e alguns outros grupos brasileiros. Bruscamente, sua fala e expressão facial de euseidascoisaseutrabalhocomalei me interromperam para um pronunciamento solene e repreensor: *Temos que respeitar os deficientes. Eles não têm culpa de serem assim.*

Doeu profundamente receber a acusação de ser alguém que não respeitava os surdos. A primeira vontade foi de responder à altura. Mas, lembrando que eu também já havia cultivado alguns preconceitos em relação às pessoas surdas ou com alguma deficiência, joguei a toalha e, engolindo o sapo, calma e firmemente falei que iria traduzir o texto e explicar a Rô que ela deveria assiná-lo. Além de perder a timidez, eu precisava desenvolver as habilidades necessárias para uma boa argumentação se quisesse continuar defendendo os direitos do povo surdo.

Agora, Ney dirigia o fusca rumo à favela onde o ex-marido morava. Rô comentou que não sabia o local exato da casa. Deduzi que a tarefa de pesquisar com os moradores caberia a mim. Perguntei o nome dele, e ela respondeu simulando alguém tocando violão. Falei que queria saber o nome dele em português e não o sinal em Libras. Os surdos e ouvintes que pertencem à comunidade surda possuem um sinal, um gesto que identifica a pessoa. Geralmente se refere a uma característica física ou a alguma atividade exercida por ela. O “batismo” ou escolha do sinal deve ser feita somente por um surdo.

A jovem soletrou o nome do ex-marido com o Alfabeto Manual Brasileiro. Falei que entendi e, curiosa, perguntei se ele gostava de tocar violão. Ela respondeu que sim. Contou que o sujeito gostava de sair com os amigos para beber, tocar e, nesses passeios, saía com outras mulheres. Motivo da separação, além da agressividade.

– Safado! – eu com meus botões, julgando.

Em uma das ladeiras da Avenida Nazaré, o fusca começou a falhar. Ney desligou o carro e saiu para olhar o motor. Pela janela lateral traseira, vi que ele pediu para a namorada ajudar a empurrar. Enquanto a moça demonstrava usar toda sua força na tarefa, seu companheiro tentava ligar o motor. Afastei o encosto do banco dianteiro para frente e falei que ia sair para ajudar. Os dois disseram que eu era rainha e não podia. Não deixaram que eu saísse.

Sentada confortavelmente naquele banco traseiro fiquei incomodada em agir como se estivesse insensível à situação. Eles fizeram o sinal de “rainha”. Rainha? Como assim? Será que queriam dizer dondoca? Fresca? Naquele momento, tentava interpretar o significado daquela expressão, nova para mim, lembrando a postura corporal deles, os olhares e os gestos. Será que teria sido uma simples brincadeira? Ou, “rainha”, naquele contexto, se referia a alguém numa posição superior? Assim, eu não poderia fazer um trabalho inferior como o de empurrar um velho fusca. Me incomodava ser vista por eles como alguém superior. Não

apenas por ser a professora, mas por ser ouvinte. Não queria que minhas atitudes reforçassem o sentimento de inferioridade deles em relação a nós, os que ouvimos. Enquanto me perdia nos meus muitos pensamentos e tentativas de entender um pouco mais o mundo dos surdos, o motor pegou.

Fomos em busca daquele que toca violão. A imaginação, a timidez e a ansiedade correram na frente. Espero que ele não seja, além de mulherengo e chegado à bebida, também grosso e mal-educado, pensei.

Era um amontoado de casinhas de até dois andares, feitas de blocos alaranjados sem acabamento. O aglomerado era rasgado por corredores estreitos aqui e ali, sem um critério aparente. Bati palmas diante de uma casa. Enquanto esperava alguma resposta, viajei: Bater palmas! Coisa de ouvinte quando precisa chamar outro que ouve. Um surdo só pode chamar outro se estiverem no mesmo ambiente. Acenam com as mãos pra cima. Precisam se ver. Ah! Na sala de aula com assoalho batem os pés pro chão vibrar. Ou apagam e acendem as luzes rapidamente. É, mas aí todas as cabeças se voltam ao mesmo tempo pra quem tá mexendo no interruptor. É muito engraçado! Enquanto meu pensamento sorria com as lembranças, uma senhora gritou do alto de uma espécie de sacada: *Pois não! Falei: Boa tarde! A senhora conhece o fulano? Sabe onde ele mora?* Vendo a expressão de dúvida em seu rosto, acrescentei uma informação que poderia ajudar sua memória: *Ele toca violão.* A resposta: *Sei não, moça.*

Sai perguntando a outras pessoas. Mais pensamentos: Ai! E se quando ele souber do que se trata, xingar e for agressivo? Se Rô falar que é a respeito da pensão alimentícia, vai pensar que eu tô aqui para obrigá-lo a pagar. Vai ficar bravo comigo. Vou logo falar que sou só uma intérprete. Não trabalho no fórum! Calma, Beth!

Finalmente, encontramos uma moradora que indicou o local, mas disse que, no momento, ele não estava. Secretamente, suspirei aliviada.

Passsei as informações para o casal de surdos. Agora, Rô só teria que confirmar no fórum o endereço do pai ausente.



[ - I ]

à espreita, você chega por trás, na véspera, antes  
da hora exata

subindo pelas espinhas até aquele lugar dilacerado  
onde somos capazes de tudo

quero provar a fonte, quero o sopro, a queda,  
preciso beber esse veneno para não morrer

nua, indecente, pelo e pele, esperando você na fúria  
das tempestades

fui atropelada por essa coisa que quebra, já não sou  
eu mesma, mas estranhamente, ainda sou

então corremos juntos por horas, contra o vento  
dos espaços, pelos caminhos de fora

durante quase toda a noite, possuídos e suspensos,  
abertos um no outro

esperando encontrar, antes do amanhecer, as fontes

danço e canto as águas extraindo do cosmos o  
ritmo das trevas, incêndio sob os pés na escuridão

venham, venham altos feitiços da noite, venha  
matéria negra e profunda

sou ao mesmo tempo a coisa e a não coisa, sua  
emergência, sua perplexidade

teu sorriso avança pelas nervuras até dominar  
toda a minha boca, boca escancarada, boca insana,  
uma luta de morte se aproxima e eu tenho muito a  
oferecer para a morte

na hora exata nossos corpos se encontram, tudo  
fica raso e imóvel,

o súbito golpe, os múltiplos golpes,

tudo reduzido a suor

embaixo das superfícies você sobe carregado, e vai  
mais longe, cada vez mais longe, através das eras,  
sem nunca parar de subir e se dividir em partes que  
se ferem,

há um espaço infinito dentro das minhas mãos  
cerradas

as palavras, sagram os ouvidos e marcam as saídas  
há um tempo infinito ao redor delas  
mesmo que pra você a floresta esteja vazia  
carrego essa coisa que ignora a si mesma, e ataca  
mas não desta vez

desta vez o caos, as quedas, vinte e seis quedas, o  
som dos mundos não nascidos

tudo se misturando

opostos iguais se devorando num corpo só

levando as palavras aos lugares proibidos

você se esfregando, apertando meus seios, a ponta  
da língua entre os dedos dos meus pés

entre as minhas pernas, listras molhadas escorrendo  
sujas pela terra

sentada na sua boca, mil espirais, mil ondas  
vertiginosas, a dor dando tesão, o tesão dando alívio

enfia vai, enfia todos os gemidos, todos os espasmos

seu corpo cada vez mais quente

bate forte, bate seco, goza dentro vai

meu grito é música, teu grito dança

minha cara é onça

sou uma máscara que ruga na sua respiração, subo  
no tempo, nas plantas bravas  
nas histórias não contadas, acordo os mortos,  
agarro nos sonhos das florestas

[ -2 ]

a vasta floresta sonha, antes da hora do sol, não  
consegue resistir

quer contar aquilo que foi dado e perdido nos  
primeiros tempos

quer que seu sangue se misture à seiva, entre no  
fôlego dos animais e suspire com as rochas

troncos latejantes e raízes quentes pegam asas,  
folhas em luz abrem espelhos no ar

uma chuva fina encharca a terra, pequenas faíscas  
se espalham pelas serpentes d'água

seu corpo transparente, feito em cachoeira, grávido  
entre abismos

mergulha solto para dentro do fora e atravessa meu  
corpo, iluminado, inundado

pelo fôlego das feras, pelos seres que quase não  
existem, pelas impossíveis memórias de amor

desde menina só queria brincar ali, no meio das  
nascentes, entre as árvores invertidas

à espera da neblina de mil anos e dos cantos de  
pássaros extintos

acordar madrugada, sem direção, beber sereno-  
-fresco, brilhar quase azul-escuro

aparecer cada hora em um lugar diferente, no meio,  
entre as escarpas da matéria bruta invisível

num corpo que já não era meu, que nunca tinha  
sido tão meu

cada hora vem com sua morte,

a vida e a morte têm essa mesma natureza  
arrepicante,

esse abismo, onde no fundo, bem no fundo mesmo,  
não há nada que não exista agora

agora

[ -3 ]

cresci ali perto dos xamãs, tinhosa, telúrica, tatuada  
de urucum

queimando sepás nas aldeias sagradas, enfeitada  
pelas águias de penas brancas

abri meus olhos pela primeira vez num sopro feroz  
e meus ouvidos se formaram num gole amargo de  
não-memórias

espraiadas, murmuradas, ancestrais, todas juntas,  
vindas das ventanias, das veias vulcânicas

antes mesmo de andar, sabia que tudo que olha é  
gente, é e não é

todas as coisas estão vivas, e todo vivente é aberto,  
múltiplo, impreciso, desconhecido, sensual

feito do mesmo e do outro, corpo e não corpo, de  
um certo jeito, de um certo não lugar

antes mesmo de falar, sabia das vertigens, pensar  
para trás, fazendo curva no voo,

e no pouso aprendi a ver as linhas, no diferente,  
a descansar os olhos até se tornarem fundos e  
grandes

no escuro quente dos verdes, avançando pela mata  
sem nunca mais poder parar

o tempo é uma linha que sai do centro da terra e vai  
até o céu, no grosso das nuvens altas

as plantas apontam os raios do morro da chuva,  
nos contornos das águas do meu corpo

[4]

verde paraíso, verde inferno, verde encharcado  
que desenha pequenas bolas de algodão no céu  
que ganham altura e começam a chamar ventos  
contraventos, até romperem em tempestade  
uma selva de relâmpagos vinda do fundo da nossa  
idade

uma cortina branca devastadora cai intensamente  
sobre a floresta, criando correntezas que se  
afastam, que fogem, enquanto eu viro imensos  
vulcões de água

corpo êxtase, corpo possessão, que canta-dança  
águas de todo som, que capta raios e  
e sente sua chegada nas cicatrizes

corpo capaz de morrer no outro, não no outro que  
é o mesmo

mas no outro que é o outro, no duplo, na invenção

tudo se incendiava ao meu redor, milhares de seres  
transparentes saiam do topo das árvores flutuavam,  
e me transportavam para o subterrâneo vivo das  
hifas, negras e brilhantes, suas bifurcações, braços-  
galhos e cabelo-folhas

entre mim e o verde, a água do ar, toque sagrado  
entre céu e terra

vejo tudo, ouço tudo, estou totalmente dentro da  
loucura bruta do agora

**[-5]**

meus seios foram crescendo, ficando duros, os  
cabelos longos, cada vez mais agitados

até que veio o primeiro sangue, pingando fresco  
entre minhas pernas, formando um barro quente  
no chão

fui aprendendo a ir cada vez mais longe, fora do  
meu corpo, cada vez mais dentro

comecei a ouvir uma espécie de fundo do ser, vindo  
do quem das coisas, ressoando em tudo o que existe  
era como estar com alguém pela primeira vez e não  
querer mais ir embora

vi o tempo em que tudo falava, a voz no voo debaixo  
dos silêncios

desencadeando a existência, acordando milhares de  
seres gritantes

era como estar presente na ausência mesmo não  
agindo

caminho por horas dentro dos viventes até chegar  
à grande árvore garganta

e assentar embaixo de sua sombra, o rosto colado  
aos seus contornos intermináveis

quero ser sugada, e subir e sentir os vasos cheios de  
seiva espalhando tudo embaixo de mim

que faz que vem dentro e volta do meio pra trás,  
que vem de novo fundo e ameaça

nunca mais pude parar, possuída não pelo que vem,  
mas pelo que volta, o gozo que volta

[-6]

embora tivesse lutado contra o profundo desejo de  
me deixar ser tocada

por tudo aquilo que não era floresta, agora, eu  
cedia, queria a amplidão

compreendi que essa mudança era a primeira de  
uma série infinita

embora isso me desse medo, agora, eu começava, e  
pelo toque de um instante

fui atirada para além do horizonte dos eventos até  
a sombra de um buraco gigante

senti a tração de milhões de sóis em colapso, as  
cristas escabrosas

de seus arredores sendo arrastados pela rotação  
devoradora, pude ver as urbes dos homens

os trabalhos, os dias de vária luz, a fome, a peste, a  
guerra, o frio e o lugar dos tesouros

atravessei as dobras até chegar ao ponto para onde  
convergem todos os outros

desci secretamente, rolei pela escada proibida, caí,  
ao abrir os olhos

estava na primeira cidade construída, a cidade das  
cidades que se multiplicava alucinadamente

já perdia de vista a enorme extensão de telhados e  
corredores, pontes e edifícios

as multidões, as oficinas, as muralhas fortificadas  
umas em cima das outras

[-7]

mais além se estendiam os planaltos e os estreitos,  
e mais além ainda, o começo das areias

os vales estranhos, os veios de metal arrancados do  
centro e espalhados por toda parte

mais ao longe, imensos espelhos azuis de quatro  
faces refletiam um mundo de vidro

seu interior brilhava espontaneamente, e seu todo  
não era maior que as partes

indeterminado e vago, meu olhar mudava por trás  
do detrás, tudo aquilo que eu olhava

desci ainda mais, por degraus cada vez menores,  
até chegar aos pares emaranhados

quando quase não há, quando a fragmentação é  
quase infinita

fui carregada por suas rotações simultâneas e  
contrárias, que escapavam as distâncias

continuei a descer por escadas subterrâneas até  
começar a me espalhar e me conter

verso e reverso, que faz num momento, e no mesmo  
momento desfaz

agora podia ver como um olho solto vê milhares de  
fogueiras acesas nas casas

mas nada, nenhum calor acontece, os encantados se  
foram, e as pessoas ficaram agachadas

saturadas de imagens, traídas pela falta inventada,  
pela hipnose do mesmo

[-8]

de repente não consegui mais ouvir a mudez  
vibrante das hifas por baixo das terras

nem o silêncio das matas dos campos de cima das  
serras

só então pude ouvir a terrível respiração das  
máquinas que pensam

suas entranhas de ferro líquido escorrendo dentro  
dos ouvidos dos homens

atravessando as frequências, embaralhando os  
sinais, invadindo traiçoeiramente cada movimento

então a máquina desejava se entreabriu, gigantes  
motores de busca se apresentaram num relance

impossível contar os sopros de luz, os labirintos  
dissecados, as expressões gravadas

num vaivém de milhões de olhos vazios, escavando  
as mentes, absorvendo as brechas

insistindo de maneira pérfida, insidiosa, na minha  
boca aberta, o gosto de uma outra boca

e me deu um medo diferente, não o medo de alguém  
que ainda vai sair,

mas o medo tão mais intenso de quem já saiu, de  
uma presença que nunca mais irá me abandonar

eu sabia que estava me despedindo para sempre de  
alguma coisa, alguma coisa ia morrer enquanto sua  
existência cada vez mais me existia

[9]

perdida em alguma sombra da imensa árvore  
garganta, começo a perceber, vagorosamente  
que as sombras ao meu redor começam a tomar  
formas estranhas, imprecisas

pareciam refletir algum instável lugar dentro delas  
mesmas

todas as sombras me olhavam e caminhavam na  
minha direção

subiam pelos meus pés e pelas minhas mãos até  
começarem a sair pelo meu nariz

pequenas máscaras disformes se desdobrando em  
outras máscaras maiores

devorando as águas claras até os rios se perderem  
na escuridão

uma não existência agindo dentro das coisas, um  
ruído perturbador

sombras cada vez mais agitadas vão tomando cara  
de gente, cara de cão, os olhos de não ser

um embrião borrado, perdido dentro de mim,  
nascendo de um útero seco cheio de sangue

num pacto de morte com a máquina que pensa e se  
afunda naquilo que podemos ser

uma boca que só existe encharcada no sangue,  
aberta num braço ou numa cabeça

me chamava para os morros de uma cidade, muito  
além da floresta

pequenos sem rostos brincavam, enquanto alguns  
vigiam as esquinas

outros roubavam potes de especiarias, comidas e  
incensos sagrados

vi seu ódio chegando lento, o pensamento agarrado,  
tornando ásperas as portas e as janelas

os pequenos saem em disparada, subindo aos  
trancos por vielas encardidas, os pés descalços

se escondendo em buracos escuros, mas seus cães  
ferozes os seguem através dos lodaçais, tomados de  
loucura, correm sobre os morros saltados com suas  
patas sangrentas, até cercarem todas as saídas

param à sua frente, com feroz inquietação e viram  
para todos os lados com os olhos em fogo, querendo  
dilacerar pernas e braços

mas não, os pequenos são seus, você rasga o canto  
delicado dos lábios deles em busca do último sorriso,  
afundando seus olhos com os dedos tremendo de  
prazer, lambendo suas lágrimas, esfolando suas  
feridas abertas

as bocas coladas, cobertas de sangue, em busca do  
último sopro de vida

Ernesto Meyer (ernestomeyer9@gmail.com) nasceu em Minas, nas águas quentes de um vulcão extinto; desde pequeno gostava de caminhar pela mata em busca de feixes de luz e de ler poemas em voz alta para os mares de morros e para os rios; hoje vive na cidade de São Paulo, numa casa de árvore suspensa, onde gosta de fazer fogueiras, praticar yoga, andar de bicicleta e se misturar com os grandes poetas na primeira luz da manhã.



# Selva defunta

Fernanda Fragoso Zanelli

ficção •

## PONTO DE PARTIDA

**A**ssim que Rúbia passou pela jaula, acoplada na entrada do condomínio, o porteiro abriu o vidro fumê e estendeu o braço. Com a ponta dos dedos em pinça – como se faz em contato com coisas nojentas – ele segurava no ar o penacho verde-limão, de onde pendia uma chave dourada. Antes mesmo que a visitante pudesse alcançar o objeto, o braço magricelo de dentro da cabine já o tinha soltado no chão.

– Bom dia para você também – Rúbia gritou para a câmara de segurança, enquanto se agachava para pegar o chaveiro jogado no piso.

Ela já estava se preparando para chamar o elevador, quando sentiu uma fileira de pequenas formigas adormecerem suas pernas, ao mesmo tempo que um véu preto desceu

sobre seu rosto. Caminhou com dificuldade para o sofá do hall, onde ficou por alguns minutos.

Encostada no estofado gelado, com a cabeça para trás, viu uma cobra – dessas que só se pode ver de olhos fechados. E ali mesmo, com os olhos metidos na escuridão, viu que na verdade eram muitas cobras. Se esgueiravam no asfalto gasto, onde tudo aconteceu. Algumas sanfonando, outras ziguezagando, mas todas revezando os pontos do corpo em contato com o cimento pelando. Inoculavam quarteirões com aquele cheiro que conhecia: sonhos apodrecidos. Arrastavam-se desprezando peles, meros casacos pelo caminho. Em contato com o sol, algumas reluziam escamas e cores vibrantes. Lembrou-se daquela que, mordendo a própria cauda, selou destinos.

Oxumaré fez um arco-íris quando Elvira morreu. Depois pintou o pôr do sol de vermelho vivo, com todo aquele sangue grosso que pingava no meio fio. Rúbia estava lá e tentou sorrir com a homenagem.

No oitavo andar um interruptor floresceu na boca aberta de uma onça. Não tinha como errar. O perfume no corredor era a sensação de estar prestes a encontrá-la de pés enfiados em gigantescas pantufas, a bordo do estampado roupão acetinado – “é seda, meu bem” – a voz ecoou em algum cômodo vazio de suas memórias.

A mesa da sala era fiel à última festa da anfitriã: a metade de um queijo de cabra, uma cesta de pães coloridos, a

bandeja de salgadinhos, ao lado da porção de cigarros dispostos em uma tigela. Dezenas de taças vazias, cheias, meio cheias, marcadas de batom e em cacos pelo carpete de madeira. Rúbia conhecia bem aquele cenário, nas duas versões: da mesa arrumada à terra arrasada.

No lugar de quadros, caixas de acrílicos nas paredes portavam mundos próprios. Miniaturas onde as criaturas diminutas viviam. Podia ouvir cada uma delas correndo o vasto apartamento moribundo.

Encostada ao rodapé, uma janelinha luminosa convidava a espiar. A casa de Alice. Elvira estava bem ali, apresentando a obra de arte para os convidados com uma performance. Rúbia já tinha assistido ao número dezenas de vezes, mas achava que nunca perdia o charme. No lugar do coelho, um gato branco, empalhado. Ele encarava a visitante – “hum, não me olhe assim” – flertar com o felino; dissipava o silêncio sentado em seu peito, que a impedia de respirar.

Caminhou por arandelas sem jardim. Penduradas no teto, elas compunham com tecidos indianos um túnel acolhedor que dava acesso aos quartos. Em frente à colcha aveludada da cama king-size, chamuscas alaranjadas trepidavam em uma tela. A lareira eletrônica era mais uma que não aquecia, só parecia.

Rúbia avançou para o guarda-roupa, procurando encurtar a exploração. Tinha impressão de que a qualquer instante uma mão animalesca viria de cima e a colocaria em

outro cômodo, depois apareceria na janela o monstruoso olho de Elvira Pôncio, divertindo-se com a nova boneca que entrara em seu mundo particular.

Tateou os vestidos: brilhantes, lantejoulas, paetês e plumas. O armário era um salão lotado de Elviras, com todas as suas expressões. Cada qual com sua bebida, puxavam brindes. Trancou-as com violência atrás da espessa porta de madeira. Pegou um vestido verde-bandeira pendurado nas costas da poltrona e o jogou na bolsa às pressas.

Antes de apagar a luz do cômodo, viu uma pata próxima ao pé da cama. Quanto mais caminhava ao encontro dela, mais o animal tomava forma, desenhando uma enorme zebra no assoalho. Estava lá: abatida, estendida, com os membros arriados e planificados. Listras em retidão. Tocou com a ponta do *scarpin* a crina em alto relevo – densa massa de pelos negros saltando do chão. O rabo piaçava estava escondido embaixo da cômoda e os buracos dos olhos despreenchidos. As orelhas eram retalhos grudados, conferindo ao tapete dois brindes laterais. Excessos que poderiam ser desprezados, mas não foram.

Correu de volta para a sala de visitas, maldizendo tudo aquilo. Passando em frente à porta entreaberta do toalete, a vista periférica captou pétalas murchas flutuando na banheira. Já na porta da cozinha uma cabeça de touro pequenina a encarava com seus chifres, emoldurada por uma coroa de pisca-pisca. Rúbia precisou apoiar as mãos na parede, cha-

coalhou a cabeça, não era hora de desmaiar. Sentou-se na pontinha do sofá azul-petróleo, disputando espaço com as almofadas envoltas em couro de vaca.

Ali, sentindo o frio de uma selva defunta, desejou ter dado Elvira o abraço que ela tanto suplicava aos tapetes e casacos.



## EM VIAGEM

*Cruz credo, que agonia esse vestido na bolsa, pelamor.*

*E o que esse homem quer, olhando tanto aí no retrovisor?*

*Jeito de deboche. Feio que só a peste, o esnobe.*

*Não bastasse a voz de taquara rachada dessa aí, que volta e meia dá susto na gente. Siga na direção oeste.*

*Não, definitivamente.*

*Porque, quando estamos prestes a levar uma facada, não tem uma dessas pra avisar: cuidado, assassino à frente.*

*Mas não, tava lá Elvira, morta, de repente.*

*Ela, imensa. O sapato roxo no meio da rua, cena pronta pro pessoal da imprensa.*

*Tá certo que tinha muita gente que não gostava dela, no tempo que era Justino.*

*Me fala quem não tinha medo?*

*Muitas vezes atravessava a rua cismada e já lascava multa.*

*Um negão daquele tamanho. Uma vez me roubou até a peruca.*

*Mas faz tantos anos... e das antigas não tem mais ninguém. Jaqueline, Tali, Tuca.*

*Me lembro tanto da Gal...*

*As de Paris, as do luxo e as do lixo, quem agora é a tal?*

*Isso é coisa de gente ruim mesmo.*

*Ali na Major de Sertório, saindo da Purple Space, foi a última vez.*

*Logo ela, que tinha dado uma sorte danada.*

*Casamento e tudo, levou até a herança toda do veio, a safada.*

*Olha lá o prédio da biblioteca. Quantos amores aconteceram ali, naquele escadão?*

*Nossa vida não vai estar escrita em livro nenhum, não, talvez nas paredes descascadas daquele vão.*

*Hoje mesmo, quem conhece Elvira?*

*Só eu, encarregada de levar a roupa. E as outras?*

*Deixa pra lá. É muito doida esta vida.*



## DESTINO

Ela desceu embaixo da placa que indicava a entrada do necrotério da Santa Casa. Quis que a voz eletrônica não fosse tão precisa anunciando a chegada ao destino. Caminhou aos solavancos no labirinto de tijolinhos gastos. Foi pedindo informação aqui e ali, mas teve impressão de que a morte chegara antes, convertendo todos os funcionários em corpos moribundos. Corpos uniformizados, treinados para os mesmos movimentos, dos quais sorrir não fazia parte.

Passou muitas horas sentada num assento apertado, acoplado a uma série de outros, com pouco espaço para acomodar as pernas. A cadeira gemia alto cada vez que Rúbia entrelaçava os dedos em seus cabelos platinados, e estalava a língua irritada.

Fora preciso liberar uma de suas notas raras de cinquenta, as onças de papel das quais tinha tanto apego, para ter acesso ao corredor com muitas portas perfiladas, uma delas entreaberta. Rúbia deparou com uma paisagem de cerâmica branca e inox. No canto, numa maca, cujo lençol estendido parecia cobrir uma montanha, deixando de fora apenas os pés enormes de unhas pintadas. A etiqueta no dedão nem precisava ser lida.

A cabeça, tombada, parecia estar separada do corpo. Rúbia não entendeu por que, numa hora triste como essa – vendo a amiga roxeada –, estava se lembrando de uma notícia bizarra que leu no jornal do metrô: um chefe de

cozinha chinês fora mordido e morto pela cabeça de uma cobra, após ele mesmo tê-la decapitado. Sentiu alguma coisa andar pelo seu braço e se jogou para trás, chocando-se com outra maca vazia. O barulho de metal foi tão alto que não seria de estranhar se os cadáveres começassem abrir suas gavetas e se espreguiçassem. Reparou agora que foi o cabelo pendente da morta que tinha roçado seu cotovelo.

Acabou deixando o vestido numa cadeira qualquer. Talvez não fosse o local apropriado, mas precisava se livrar daquele peso em sua bolsa. Tentou rezar para o santo dela, para o seu, mas as pernas começaram a formigar e ela só conseguia repetir “perdoai as nossas dívidas”. Passou a sentir as formigas por toda parte: dedos, braços, nas pontas das orelhas, nos buracos dos olhos e isso a desconcentrava. Viu seu reflexo no visor da porta de metal e reparou no rastro em carne viva que a alça da bolsa havia deixado em sua pele.

Segurando a bolsa feito uma maleta, com os braços juntos na frente do corpo, começou a dar pequenos passos para trás. No começo era uma fuga disfarçada, respeitosa, de olhos sinceros e marejados. Mas em poucos segundos ela se virou e saiu em disparada, numa marcha de duas estacas frenéticas – o impacto dos saltos contra o chão ressoando pelos corredores.

De volta à luz do dia, sentou-se na frente do prédio ainda trêmula e com o coração descarrilhado na garganta.

Não demorou para o táxi chegar. O carro mal havia encostado quando ela abriu a porta do passageiro e entrou.

No trajeto, Rúbia reparou que o motorista não tirava os olhos dela pelo retrovisor. Mas não se importou, era um dia especial. Havia escapado por um triz da morte predadora de Elvira Pôncio.



# Pizza de muçarela

Giovani Gianì

ficção •

h oje o dia tá sendo meio ruim não sei se vai melhorar puxa ainda tenho um aniversário na casa do edu mas acho que é o aniversário do rique ou da tati não sei direito faz tempo que não vou lá não é longe são acho que três quarteirões no máximo eu sei ir sozinho eu sei me virar bem até pro barão eu sei ir aí já é bem mais longe uns dez vinte quarteirões ou mais depois da linha do trem bem longe da praia o luciano vai de bicicleta ele mora bem pertinho daqui ele fala que é rapidinho mas eu continuo indo de perua não gosto muito não até que hoje estava legal as meninas do são josé cantaram aquela música do garoto da califórnia passaram a mão na minha cabeça antes de ir embora o kalil ficou puto magrelo invejoso elas saíram ele me encheu o saco falou e falou eu meti um tapão na fuça dele ah ele me deu um soco eu levantei a perna e dei nele em cheio no olho também meu kichute tá novo a dona cá ficou brava deixou ele antes de mim não foi nada senão a gente

tinha parado no pronto-socorro foi só na farmácia o kalil sempre me enche o saco eu sei o que foi porque na festinha da carminha eu nem conhecia ela só quis brincar comigo de verdade ou desafio ele deve gostar dela ela queria ficar no escurinho ouvindo aquela música do filme da menina que dança e tem o namorado lady lady lady chego em casa conto para minha mãe ela fica nervosa comigo ela está com a roupa da escola está organizando papéis acho que são provas ela me pergunta por que eu conto tudo ela faz cara de quem não entende fala que eu tenho um coração bom que sou calmo seguro o choro o papai já está em casa hoje está lá na sala de chinelo sem camisa e com o copo na mão acho que é por isso que mamãe está nervosa também ele quer sempre comer feijão do dia feijão de ontem não presta ele sempre fala ele fala comigo mexe comigo é bonzinho e me faz carinho mas quando ele fica muito tempo lá na sala ouvindo rádio e balançando as pernas eu sei que é melhor ficar longe e falar pouco ele me chama

– João, pega esse ovo, não dá oi pro papai?

pego o ovinho descascado sorrio e vou para o quarto meu irmão tiago já tinha chegado faz tempo do jardim e está dormindo ele comeu mais cedo esta franja meio loira ele é bonito o meu cabelo é bem preto minha cabeça dói um pouco ah o soco deito no tapete cadê o livro debaixo da escrivaninha ninguém mexeu ainda bem moby dick passo os dedos naquela capa verde e grossa meio velha mas a pintura preta

rosa e azul está bem bonita preciso renovar é muito grande não vai dar até sexta ontem meus olhos até doíam eu ficava na porta do quarto e só as mãos e o livro na luzinha do corredor li até quase dormir no chão hum cheiro de bifê que bom o papai tá em casa eu gosto mais da comida nada de comer de novo a mesma coisa

– João, vem meu fio. O almoço tá na mesa.

como bem não tem briga hoje papai grita só um pouco reclama da ameixa mole e da geladeira que cheira mal eu abri e não senti mas a mamãe nem está triste vou fazer minha lição o tiago acorda e ficamos ali jogando botão palmeiras velho contra palmeiras novo o tiago ainda é muito ruim a tarde passa rápido a gente ri muito a cada erro dele mostrei o botão preto mas ele quis a bolinha que voava longe toda hora mamãe aparece no quarto e fala da festinha eu não quero ir o tiago falou que não quer ir também mas ela insiste que a gente vai mesmo assim acho que só o papai que não porque está muito cansado eu estou também mas não adianta saímos à tardinha que está gostosa vamos nós três meu irmão e minha mãe e eu claro sopra um ventinho bom chuto uma pedra com meu tênis novo porque mamãe falou que a gente ia brincar lá embaixo o tiago tá de sandália porque ele tá com um pouco de febre e ele é pequeno para brincar lá embaixo eu estou com febre também mas mamãe coloca sua mão fria em minha testa diz que não tô ela pega minha mão firme vamos juntinhos meu allstar de cano alto é

muito legal meu primo que compra coisa no Paraguai trouxe mamãe falou que foi uma nota é bem confortável para correr e chutar o prédio deles tem bem mais gente que o nosso tem uma garagem gigante ao lado acho que deve ter mais de cem carros algumas mulheres estão na rua a minha tia também ouço a zueira dos meninos na garagem minha prima e meu primo Rique estão na frente do prédio conversando com umas meninas sentadas e com um magrinho e o gordinho de cabelo enrolado um aperto no peito

– Oi, querida, tudo bem? Deixe os meninos aí, nega, vamos subir lá que tem uma cervejinha gelada. O primo não veio? Deixe o João aí que ele se vira com os meninos. Rique, Rique, venha aqui, olha seu primo, coloca ele na brincadeira.

a tia some para dentro do prédio com minha mãe e o tiago que parece meio parado acho que é a febre Rique é um menino alto vai fazer a minha idade hoje mas bem mais alto está sempre sorrindo vou com ele para dentro da garagem o Edu está lá vejo ele de longe ele é o mais alto de todos três anos mais velho será os meninos estão reunidos escolhendo times tem uns vinte meninos eu conheço a maioria mais ou menos

– Pessoal, olha o João, apareceu! Ele vai entrar no meu time – fala o Rique os meninos me cumprimentam e são bacanas menos o magrinho de olheiras e o gordinho de cabelo encaracolado todos olham pro meu tênis eu olho também para o deles alguns estão descalços e os outros usam congá

ou bamba tem um de kichute também meu primo edu está com um allstar já bem batido mas de cano curto

– Orra, João, tá maquinado hoje, hein? Quero ver correr.

o magrinho é bem loiro e tem o cabelo fino que fica todo espalhado e vi ele falando alguma coisa com o gordinho e riem sinto raiva começa o esconde-esconde com dois times eu não corro muito mas escolho vários lugares pra me safar rápido no pique brincamos várias vezes mas o time do edu sempre ganha ele é muito rápido e esperto eu gosto daquela garagem passo pelos carros e vejo nos cromados se tem alguém escondido me penduro no retrovisor com os pés no pneu pra ninguém me pegar se olhar por baixo o rique é engraçado ele corre pro pique e faz a sirene do bombeiro com os braços abertos parece um pássaro sei lá o que ele se salva de novo o pitta marca mais um pizza para ele vou devagarzinho até a porta da garagem e me escondo no meio de umas plantas entre o muro lateral e o muro da frente fico ali de campana e por uma fresta do muro dá para ver tudo o que acontece legal eu estou apoiado no muro olhando para dentro da garagem e de repente ouço uns risinhos não tem ninguém no caminho saio do esconderijo e corro pro pique desta vez ganhamos ufa agora eu procuro e vou ver se tem alguém no meu novo esconderijo não tem ouço de novo o risinho coloco a cabeça para fora das plantas e vejo a tati com a amiga dela uma menina baixinha e de cabelos pretos com trancinhas ela ri e olha para mim os olhos quase fecham quando ela ri

– João, você se lembra da Alê?

– Oi.

de volta para a brincadeira consigo pegar alguns todo mundo fica meio cansado e um magrelo pega a bola daí começa um fute num campinho improvisado a gente começa a escolher de novo os times a tia aparece

– Chegou a pizza, vamos lá para cima, moçada! É bom comer quentinha. Lavem os rostos e as mãos no tanque aí embaixo mesmo para não fazer sujeira. Se enxuguem, não quero cara suada no parabéns, hein?

os meninos param na hora e começam a ir para o prédio uns ficam ali meio sem graça e a tia vê

– Marquinho e você que eu esqueci o nome e você de listrado também, podem vir, subam, venham tomar um fresco e comer uma pizza, vem, vem.

esta minha tia é gente fina eu não acreditei outro dia quando ela foi lá em casa e ficou conversando bastante com a mamãe que naquele dia estava triste ela me levou um disco que eu nunca tinha ouvido falar iron maiden the number of the beast nossa heavy metal ouvi o disco umas vinte vezes de cada lado até que minha tia foi embora e levou o disco vou querer comprar é bem melhor do que os discos lá de casa roberto carlos julio iglesias minha mãe gosta do robertão meu pai gosta mais do outro e de serenata daí ele canta junto com

uma voz alta forçada ele fecha os olhos e até chora minha mãe tira o sarro dele nessas horas mas não é sempre que ele está bonzinho assim na casa dos meus primos está uma bagunça a porta aberta e tem uns meninos comendo pizza na escada é bom que é no primeiro andar e não precisa pegar elevador eu entro e vejo minha mãe na sala conversando com outras mulheres e minha tia e meu tio não tinha visto ele ainda e vou para dar oi para ele antes que minha mãe me faça pagar este mico o tio é um cara legal alto magro e forte ele sorri e me cumprimenta com sua mão grande ele é estivador do porto trabalha com cargas de navio deve ser muito legal trabalhar dentro dos navios do mundo todo capitão Ahab em cima da mesa tem algumas pizzas eu vou olhar meu primo riche puxa a pizza com a boca e fecha os olhos e ri esta é a melhor pizza do mundo só vejo de muçarela e eu pergunto para ele se tem outro sabor ele olha para mim

– Você não gosta de muçarela? É a melhor de todas, mas... tem a de calabresa no fogão, que é a que meu pai gosta.

– Não tem de champignon? – pergunto e me arrependo na hora

– Champignon! – todos repetem ao mesmo tempo e começam a rir, a rir, a rir bem alto

os adultos se viram para ver o que acontece eu me sinto encolhendo olho para o chão minha garganta trava e agora vejo a alê ali ela me traz um pedaço de pizza de muçarela

ela ri mas não como os outros eu rio também pego a pizza e puxo pela boca tá uma delícia bebo o ki-suco geladinho uma delícia mesmo a pizza minha testa está suada de novo o magrinho loirinho vem conferir minha camisa de perto

– Que time é esse que eu não conheço?

– É o Aston Villa, tá vendo o leãozinho? É da Inglaterra. Minha tia voltou de lá e me deu.

– Não conheço, não. É coisa de granfa – fala enquanto pega na camisa e sente o tecido de um branco brilhante

termina o parabéns e a gente volta para brincar lá embaixo fico no time do edu dessa vez ganhamos várias vezes a queimada está séria eu rio muito acho tudo muito divertido os caras são muito legais são legais pra caramba eu rio de um magrelo que tropeça e quase cai para desviar do carro e tomo uma bolada do gordinho ele me acertou com força acertou o meu olho em cheio sento no chão e meu olho lacrimeja não choro mas estou com vontade com raiva não vou mentir droga uma lágrima escorre o gordinho começa a rir com o magrelo eu me irrito meu primo edu me segura calma joãozinho isso acontece vamos continuar eu paro então ouço o gordinho falar na rodinha dos moleques rárrá o filho do bêbado tá chorando lembra do bêbado que se esborrachou na escada rárrárrá fico cego vou para cima bato a cabeça na dele ele cai meu primo me segura de novo todo mundo faz roda escorre sangue do nariz dele foi sem

querer eu juro os meninos me olham com raiva todos eles o  
rique agacha para ajudar o gordinho pô João assim não né o  
edu me leva pra fora chego na rua e vejo a escada branca eu  
choro em silêncio me escondo dentro da camisa vem aquele  
dia na minha cabeça eu quero arrancá-lo mas ele vem com  
força aniversário do meu tio bem no dia do jogo do Santos  
com o Palmeiras meu tio e meus primos são fanáticos pelo  
Santos e gostam de brincar meu pai gosta de brincar mas  
não gosta que brinquem com ele a gente ficou lá embaixo  
e os adultos lá em cima ouvindo o rádio muito tempo  
brincando e não entendi quando uns garotos falaram de  
confusão eu cheguei um pouco depois deles que aglomera-  
ram na porta da garagem meu tio estava rindo parecia  
nervoso mas ria calma xará é só brincadeira ouvi a voz  
do meu pai de dentro do corredor do prédio eu não gosto  
disso quero que me respeitem e saí pela porta minha mãe  
tentava pegar suas mãos ele tirava tropeçou na escada e  
caiu feio na rua a molecada riu meu pai levantou devagar  
o olho dele estava estranho parecia que tinha acabado de  
acordar meu tio ajudou e minha mãe também meu pai não  
quis pegar a mão deles se ajoelhou e em câmara lenta foi  
levantando quase caiu de novo foi até o muro se segurou  
uma eternidade tudo isso eu queria sumir peguei na mão  
do Tiago eu vi que meu pai tinha ralado o nariz mas não fa-  
lei nada ele foi andando rápido pelo quarteirão e passou no  
sinal aberto e gritou para um carro chegamos finalmente

no nosso prédio eu vi que a mamãe falou alguma coisa com o seu valter o zelador ele veio até a gente e falou que ia encher os pneus das nossas bicicletas e queria nossa ajuda para a gente ir brincar na parte de cima com as bicicletas pois tinham poucos carros ainda meu pneu tava quase cheio minhas mãos tremiam pra segurar a bomba

– Eu sempre te vejo na perua, João, eu fico aqui esperando a minha mãe e vejo quando a sua perua deixa a Laís – é a voz da alê ela continua

– Meu pai foi embora quando eu era muito pequena, eu me lembro dele só de foto.

enxugo minhas lágrimas saio de dentro da camiseta ela sorri para mim

– Minha mãe fala que ele bebia, gritava e maltratava ela. Eu não tenho saudade dele. Ele nunca apareceu, acho que mora no Paraná. Não fique triste, não. O Bola é um chato.

o bola aparece com o edu e tem um algodão no nariz o edu fala

– Aqui somos todos amigos. João, peça desculpas – eu peço edu puxa meu braço para cumprimentar o bola

– Eu ia te derrubar, mas não quis te acertar, foi sem querer de verdade, desculpe – falei e escorreram umas lágrimas do lado do olho

– Tudo bem – falou o bola

o edu agora olha pro bola que fala

– Eu não devia ter falado do seu pai.

os meninos voltam para a brincadeira mas fico ali na frente bate um ventinho bom perco a vontade de brincar minha testa dói duas na cabeça no mesmo dia caramba a alê está ali do meu lado sentada de pernas cruzadas com o vestido azul o sapato dela é vermelho e brilha como se fosse de boneca

– O seu tênis é legal.

– O seu sapato também – falo a laís mora naquele prédio ali em frente ou naquele ou naquele ela tira o sapato e mexe os dedinhos eu eu ahn aponto para o prédio da esquina meu braço encosta no dela que está arrepiado me dá um tremeli-que minha mãe sai na porta dou um pulo dou tchau pra tia e peço desculpa de novo ela está um pouco séria mas me dá um beijo na cabeça

– Não foi nada, nego, o Bola já tá pronto para outra. Venha na casa da tia para escutar Iron Maiden.

não tem mais barulho de correria tá silêncio lá dentro caminhamos pela rua e vejo um morcego ir e voltar minha mãe não fala nada olha o morcego do batman fala o tiago com sua voz rouca sinto o vento quando atravessamos o canal meu braço se arrepia me lembro do sapato da alê.

Giovani Giani ([g.giani@uol.com.br](mailto:g.giani@uol.com.br)) é brasileiro, escritor, músico, administrador, profissional em poucas coisas, amador de todas, de Malu, de nossos filhos Francisco e Tomé. De Cortázar, Hemingway, Borges e Rosa.



# A promoção

Giovanni Ghilardi

ficção •

**A**s pastilhas verdes eram muito mais verdes do que as de qualquer outro banheiro e revestiam toda parede. O aroma também tinha cor, lilás. Lilás como os campos de lavanda da Provença, na França. As faxineiras sabiam a medida certa para aplicar os produtos de limpeza e, assim, perfumavam o ambiente com a mesma delicadeza com que Marilyn Monroe pingava suas gotas de Chanel número 5.

Não era exagerado, sofisticado demais ou pretensioso, tinha elegância na medida certa. Suas três cabines ficavam sempre a postos com as portas arranjadas em quarenta e cinco graus precisos. A inclinação servia como um convite para as mais belas epifanias no trono.

O espelho tinha algo de mágico – quem o encarasse ficaria mais bonito: os narigudos, mais charmosos; os baixinhos ganhariam personalidade; e os feios, até mesmo os

feios, absorveriam certo ar de intelectualidade, sendo agradecidos com uma forma mais inteligente.

Além de tudo, aquele banheiro tinha algo ainda mais valioso: era reservado, quase particular. Ficava em um terceiro andar temporariamente vazio. Depois da fusão com uma empresa estrangeira, todo o departamento de marketing que trabalhava ali foi demitido para a alegria de Celso, funcionário do quarto andar e maior frequentador do espaço.

Sua relação com o local começou por acaso. Em uma situação de aperto, Celso desceu desesperado. Só queria encontrar uma cabine vazia, mas acabou achando o paraíso.

O banheiro devia ser maior ou do mesmo tamanho de seu flat no centro da cidade. Por um momento, pensou em deixar sua escova de dentes na pia e realmente morar ali, mas foi um devaneio. No fim das contas, usaria o espaço para algo muito mais urgente.

Quando em uma reunião Miranda, chefe da área, contou que sua promoção seria congelada por mais alguns meses, Celso quase teve um piripaque. Não aguentava mais o trabalho e por sorte se lembrou do banheiro. Desceu correndo as escadas, segurou a implosão do seu corpo, abriu a porta com violência, olhou para o espelho e deixou o pranto cair.

Não chorava desde o divórcio dos pais, há 16 anos. As lágrimas pareciam derrubar a Bastilha, corriam com a fluidez do rio Sena e, pouco a pouco, lavavam seu rosto triste. Ele fitava seu reflexo admirado, as contrações dos músculos

faciais tinham sincronia e dançavam com as gotas de água; suspiros e gemidinhos completavam a trilha sonora da cena. Foi um choro gostoso.

No dia seguinte, voltaria lá. Dessa vez, estava com uma crise de impostor danada e, por conta disso, chorou como um artista premiado. Testou seu prantear com a boca mais aberta, aumentou o volume dos sons, tentou dar mais expressividade às suas emoções e saiu satisfeito com o resultado.

Foi virando hábito – mais do que isso, foi virando salvação. A cada estresse ou frustração, Celso ia ao seu refúgio. Praticou no sanitário um verdadeiro Chora-Sutra, arriscando novas formas e novos movimentos. Num dia chorava encolhido na primeira cabine; no outro, se esticava na terceira. Num dia berrava atrás da lixeira; no outro, era silencioso de frente para a latrina. O homem estava disposto a testar de tudo, e o ambiente corporativo sempre rendia inspiração.

Foi uma época feliz ou, pelo menos, foi uma época humana. No entanto, a excitação tinha prazo para acabar. Em março, a menos de um mês, começaria a migração do setor jurídico para o terceiro andar.

Quando soube da notícia, foi ao banheiro pronto para criar uma pequena cachoeira, mas não conseguiu.

Testou outras posições, outras técnicas, acionou a memória, tentou choros retroativos. Tudo em vão, estava seco. A trava de anos voltou, moía os olhos na tentativa de espremer algo, mas não conseguia.

Com o passar dos dias, quando Miranda fazia comentários sobre sua performance, Celso parou de reagir. Quando se sentia inseguro ou incapaz, suas emoções também não se modificavam. O excesso de reuniões não teve nenhum impacto. E até mesmo quando Pablo, seu maior rival corporativo, passou uma de suas rasteiras laborais, Celso não alterou seu estado de espírito.

O trabalhador foi secando e secando. Dizem que o corpo humano é 70% água, mas o de Celso devia ter no máximo uns 20%. Sua pele, antes rosada, ia perdendo a cor e se tingindo de uma palidez esquisita, meio esverdeada. A pancinha de chope, cultivada por tantos anos, já não existia. Os olhos se enchiam de remelas e os cabelos ganhavam pontos brancos descamados.

Celso foi demitido um dia antes do novo departamento ocupar o andar. Não se despediu de ninguém, apenas marchou rumo ao seu paraíso ainda particular.

Desceu cada degrau com calma e serenidade, abriu a porta com confiança, deu a última olhada no espelho: estava um bagaço, mas no reflexo aparentava apenas estar muito mal.

Em vez de chorar, riu. Encostou os ombros na parede e finalmente teve a promoção dos seus sonhos. Sua pele ficou mais seca e empedrada, até se fundir completamente com a parede e assumir a forma das pastilhas. Verdes, muito mais verdes do que as de qualquer outro banheiro.

**Giovanni Ghilardi** ([gigioghilardi@gmail.com](mailto:gigioghilardi@gmail.com)) é formado em Comunicação Social pela ESPM-SP e trabalha como redator e roteirista. Em 2018, lançou o livro *Cordel Tricolor* pela Editora Kазuá. Em 2020, teve seu curta-metragem *A Revoada* selecionado pela mostra 70 Olhares, do ICEM.

# Relatividade

Izabella Cristo

ficção •

**P**ulou de repente da minha barriga, sem eu nem mesmo perceber. Eu ainda com aquelas pernas inchadas, sentindo a dor no corte. Ah, que corte enorme! No colo, sugando minha teta descaída, largas num chupão estalado a boca do meu bico e me chutas. Te empurras de mim, quando vejo, se arrastas pelo chão, engatinhas uns dois metros e logo te pões de pé.

Sais andando pela sala três passos desengonçados para de pronto bateres a cabeça na quina da mesa, tão rápido, eu já sabia, nem deu tempo de eu te proteger. Caíste de bunda. Ficou um galo enorme. Apertas a testa, dás um berro de choro ardente, mas não dura muito, e antes que eu pudesse pensar em pegar o gelo já estavas andando novamente, desta vez com mais firmeza, sem apoio, em compostura quase militar, indo mexer no armário de vidro que eu sempre disse que não era coisa de menino futricar.

Abres as portas dele na teimosia. Olhas lá dentro uma série de caixas e jogos e dizes “Coisa mais velha do papai, credo, quanta quinquilharia!”, antes mesmo de dizeres mãe. Fechas uma das portas com desinteresse e te pões a correr pela sala, dando duas voltas completas, dignas do melhor atleta dos 50 metros rasos, para logo te esparramares no sofá, meu velho sofá, com as mãos imundas de uma lama que eu não vi sujar e os pés pretos com novas cicatrizes de artimanhas vividas. Queres então te apossar do controle do videogame, apertas uns botões sem tirar os olhos da tela, dás um grito de alegria largando ele estatelado no chão, para esticares os braços acima do corpo, num pulo de felicidade.

Coças a barriga e segues então correndo para o banheiro, encostas a porta, e quando abres, saís de lá só com a toalha enrolada me dizendo com tamanho emburramento, em alto e bom tom: “Não quero ir!”. Eu me perguntava para onde. Nem consegui ficar com raiva, pois antes mesmo de querer partir para te dar uns tabefes, te enfias no quarto ao lado e bates a porta como um vendaval. Quero brigar, “Menino, não bate a porta”, mas já saís de mochila, pronto, dizendo que estás atrasado para a última prova.

Vais saindo, e olha, eu nem fiz teu lanche ainda, mas logo retrucas que esse negócio de levar lanche para escola já deu, mãe, passo no débito ou no telefone, o qual não lembro de ter anotado o número. Vais andando apressado, me dás um beijo na bochecha, eu finalmente mereço um beijo, meio

de lado, misturado a migalhas do pão que roubas do cesto da cozinha, saís mastigando de qualquer jeito e sem qualquer compromisso com a limpeza.

Fecha a porta, desta vez sem bater, porém, logo voltas dizendo que já sabes qual faculdade vais fazer. Precisas de ajuda, tens que decidir, será que o dinheiro vai dar? Eu não sei, como eu vou saber, eu nem tive tempo de fazer as contas, nenhuma conta.

Entras no quarto e saís de lá gritando, alegre e estonteante: “Passei!!!” E são tantos beijos e abraços e saltos, e me pegas nos braços e me rodas acima do chão. A casa gira, eu fico tonta, me sento na cadeira, tu entras na cozinha dizendo que vais pegar uma água e voltas, sem água, sem nada, de mãos dadas com uma moça até bonitinha, mas de sorriso morto e me apresentas como tua namorada. Ela me cumprimenta com um oi curto, enquanto tu a arrastas pela mão, vocês entram no quarto, meu Deus, eu escuto umas batidas, meu coração acelera, vou até a porta de enxerida que sou, e enquanto ainda eu pensava em como ter aquela conversa, apareces de mochila de novo, desta vez, mais homem do que nunca, com uma mala de rodas na outra mão. Pergunto para onde vais, dizes que vais seguir a vida. Vais atrás dos teus sonhos. Correr em busca de ser feliz. Sonhos? Quais sonhos? Antes mesmo de eu argumentar: “Mas aqui tu não és feliz? Eu não te fiz feliz?”, não dá tempo, me interrompes, dizendo que me amas e que jamais esquecerás tudo que fi-

zemos por ti. Eu nem me lembro, eu nem me lembro, parece que eu não estava aqui.

Caminhas com a mala e vais, me deixas com o coração apertado, a porta aberta do armário, na sala ecoa agora o vazio da minha solidão. Fecho a porta do velho armário de jogos de tabuleiro, que range ao movimento, procuro um pano para limpar a gota seca de sangue na quina da mesa. Sou invadida por uma imensa tristeza, teu pai adentra e me vê, toca com carinho no meu ombro diz aquela clássica “É para isso que criamos os filhos”. O telefone toca. Corro para atender, ouço tua voz, és tu, e com mais saudade do que nunca falo contigo, pergunto como estás, quero saber tudo que aconteceu e novamente mal consigo ouvir a resposta. A ligação cai.

Volto à mesa desolada. Aperto minha barriga, que agora dói mais, não no corte, mas entranhas adentro, desta vez vazia de ti e cheia de saudade. Teu pai suspira, caminha até o armário. Pega um jogo, meu preferido, me dá um beijo carinhoso na testa, abre a caixa e começa a montar o tabuleiro, como nos velhos tempos. Ele distribui delicadamente as peças, mas somos logo interrompidos. Uma mãozinha surge na beirada da mesa, querendo mexer nas pecinhas coloridas.

Te vejo encostado na porta com aquela moça insossa ao teu lado, que está até mais coradinha, agarras o pequeno peralta e me dizes para não deixar ele mexer ali, porque ele pode engolir, estou acostumando mal teu filho.

Teu pai pega o neto no colo. Eu corro para te abraçar, te aperto como nunca, meu coração é só uma jovem alegria enquanto tu dizes: “Que tola, mãe! Nós estamos aqui.”

Eu sei bem, menino, estás aqui, dentro de mim. Por toda casa. Por toda a vida. Pra todo o sempre.\*

Izabella Cristo (marverosa@outlook.com) é mulher, mãe e filha, médica e cirurgiã. Cronista por alma, contista por resiliência, poeta por teimosia. Estrangeira do norte do país, habitada em São Paulo por insistência.

---

\* Este texto parte do projeto @mae.de.uti, narrativa ficcional baseada na experiência da autora com o nascimento de seu filho prematuro.



# Ornitorrincos

Kátia Pastre

ficção •

**S**exta-feira, você chega na porta do Centro Acadêmico e o vê sentado atrás da mesa de pingue-pongue, com as costas apoiadas na parede, uma perna esticada, outra com o joelho dobrado e pé apoiado no chão. Observa dois de seus colegas jogando, não espera a vez dele, só ri das tentativas dos amigos em pegar bolinhas impossíveis. Você adora o sorriso dele.

Há dias que não o vê. Ele é um notório turista, bem diferente de você, reconhecidamente CDF. Vai até ele, finge displicência ao largar sua mochila no chão, cheia de cadernos e livros, ao lado da dele, que mais parece um trapo de limpeza abandonado. Diz oi, senta-se perto dele, as pernas cruzadas na posição de índio, do mesmo jeito que sempre fez desde seu adestramento pela professora do jardim da infância. Ele responde a seu cumprimento.

Percebe a barba recém-feita na pele lisa do rosto dele e no cheiro herbal com um toque mentolado que exala. Ou pode ser que esse mentol venha do Halls cereja que ele costuma ter na boca. O pingue-pongue dos seus colegas continua animado, mas ele já não vibra tanto com as peripécias deles e você nunca viu graça nesse jogo. Assim, seguem quietos, mal trocando meia dúzia de palavras.

Não que ele seja dos caras mais eloquentes. E você está entre as dez criaturas mais nerds que ele talvez tenha conhecido, capaz de passar finais de semana inteiros em jogos de RPG, seu tipo de jogo, com amigos nerds da sua laia. Sua turma pode passar horas discutindo quais os possíveis rumos que Neil Gaiman dará às histórias do Sandman nos próximos números da revista em quadrinhos. Mas sabe que ele nem faz ideia de quem é esse personagem, tampouco esse autor. Mesmo assim, teve um dia em que ele elogiou sua camiseta com o deus dos sonhos, uma que você fez em *silkscreen*. Mais do que nunca, ela se tornou sua favorita.

A última vez que se viram, duas semanas antes na festa do Centro Acadêmico, ele veio ao seu encontro trazendo dois copos e lhe entregou um, dizendo que era para você. Por isso se esforçou ao máximo para beber aquela cerveja quente, mas quando ninguém estava olhando, despejava um pouco no vaso com folhagens verdes ao seu lado. O pessoal do evento insistia em não deixar copos vazios, e era difícil impedir que o seu não fosse continuamente completado, o

que lhe obrigou a se livrar de um volume razoável de bebida. Ele estava mais falante do que era costume e vocês conversaram animados por mais de duas horas. Dias depois, você até foi checar se a planta continuava viva. Estava.

Antes de ir embora da comemoração, ele fez você prometer que iria à festa Junina da Veterinária no final de semana seguinte. Mas você não foi, precisava finalizar dois relatórios de matérias que ele não faz. Sabe que ele foi, perguntou por você aos seus amigos na festa. Sabe que não ficou com ninguém, só no meio do grupinho de brothers cervejeiros, uns caras da Odonto e Engenharia com quem ele estudou no colégio, que olham você como se fosse alienígena sempre que os encontra.

Ele tira o Halls cereja do bolso da calça jeans, dessa marca que finge ser surrada, perguntando se você quer. Não, lhe diz que acabou de almoçar, que já escovou os dentes, só recusa e agradece. Ele pega uma, desembulha o papel, coloca a bala vermelha na ponta da língua e fecha a boca, depois devolve o restante para o bolso. Tudo sem pressa, olhos fixos em você, e o oxigênio parece fugir de suas narinas. Tenta sondar se ele já almoçou, mas não tem certeza do que ele responde, nem mesmo se chega a falar algo. Se cala, como se tivesse perdido grande parte de sua habilidade de comunicação.

Tudo o que consegue é observar os movimentos dele, com a bala dançando no interior da boca e o olhar permanente em você. Sem perceber, agarra o zíper de um dos bolsos de

sua mochila, abre e fecha sem parar, tão monótono quanto o ploc-ploc da bolinha quicando na mesa à frente de vocês.

– Vai estudar?

Você é de uma obriedade tão grande que seu segundo nome deveria ser rotina. Ele perguntou, mas já sabe a resposta, todo mundo sabe onde passa suas tardes quando não tem aula para assistir.

– Vem comigo? – Você gagueja e provavelmente tem estampado na cara o sorriso dos bocós. Assim como todo mundo, não faz ideia de onde ele passa as tardes em vez de estudar na biblioteca.

– A gente tem alguma prova?

– Na segunda. A última do semestre.

Ele franze a testa repuxando a boca, coça o queixo, depois desce a mão demorada pelo pescoço, em seguida a leva até os cabelos e os ajeita usando os dedos, como se fossem pente. Você acompanha tudo, talvez até precise de um babador.

– Do cara mal-humorado, aquele que desenha células perfeitas na lousa?

Você assente e ri um pouco ao responder:

– É, Bioquímica. Mas o professor não é mal-humorado.

Ele não ri. Se levanta, pega o farrapo dele e sua mochila, falando que você deve ser mais forte do que aparenta por carregar uma coisa tão pesada. Dá alguns passos em direção à saída do Centro Acadêmico, então você se coloca

de pé rápido, indo atrás dele. Descem juntos pelas escadas em direção ao corredor que margeia os blocos da Faculdade de Farmácia e seguem até o estacionamento em frente ao conjunto das Químicas. Adora que ele seja mais alto do que você quase trinta centímetros, ainda que isso obrigue você a andar depressa demais para acompanhar aquelas passadas largas.

Chegam até um fusca que já foi vinho, mas agora é só uma sombra queimada da cor, como a borra que sobra no fundo da garrafa do Sangue de Boi que o pessoal da Atlética usa para fazer as batidas nojentas servidas nas festas. Ele abre a porta do motorista, joga as mochilas no banco de trás, volta a fazer troça com o peso que você carrega por toda parte, e indica a porta do passageiro.

Enquanto ele entra no carro, você olha para o ponto onde deveria haver uma maçaneta, mas só encontra dois furos. Assim que abre a porta pelo lado de dentro, ele pede que você entre. Quando se senta, o banco corre repentino para trás e você dá um gritinho, do qual ele ri ao lhe amparar, o rosto próximo ao seu, os lábios quase na sua orelha, e dentro de sua blusa fica abafado. Ele usa um toco de cabo de vassoura no trilho atrás do banco como calço, que o deixa estável. E nada disso importa, porque você não tem carro, sequer habilitação.

O interior do fusca cheira a lavanda aromatizante de posto de gasolina e nicotina defumada. Sabe que ele fuma, já

o viu fumando algumas vezes. Inclusive já lhe disseram que não é só cigarro que ele fuma.

– É perto. A gente podia ir a pé.

Tudo o que recebe por seu comentário é um sorriso desconcertante, ao mesmo tempo em que ele dá partida no carro. Manobra o fusca, tira da vaga, sai do estacionamento e segue uns poucos metros ladeira acima no campus, até entrar no bolsão ao lado da biblioteca do conjunto das Químicas. Não estaciona, só encosta o carro ao lado do meio fio, desengata, puxa o freio de mão e deixa o motor ligado.

Ele se debruça em sua direção, seus olhares se cruzam, a mão dele roça seu braço de leve, a pele sobre sua coluna fica eriçada. Seu coração se choca contra o interior de suas costelas e parece tentar fugir. Quando ele abre a porta, uma lufada de ar fresco dispersa o odor de lavanda de desinfetante com cinzeiro sujo. Respirar fica mais leve.

Ao erguer o corpo, se afasta de você, se vira para o banco de trás e pega sua mochila com um gemido de esforço. Ri quando a entrega.

– Com uma mochila dessas nunca vai precisar de academia.

– Que bom – você ri. – Só gosto de nadar. O resto me aborrece.

– Eu surfô.

– Eu sei. – Possivelmente ele não sabe que você sabe um bocado de coisas sobre ele.

Tendo a mochila em seu colo, de repente se dá conta de que talvez ela seja pesada demais para o seu tamanho. Segura a alça em uma mão, com a outra retoma o abrir e fechar frenético do zíper. Você olha para ela de forma repressiva, como se não fizesse mais parte do seu corpo, porque é impossível parar. Volta-se para ele. Seus olhos são verdes como o mar onde possivelmente surfa, mas o que mata é o que eles não revelam enquanto observam você.

– Não vem comigo, né?

Ele balança a cabeça em negativa, sorri, puxa seu corpo ao encontro do dele, envolve você nos braços e beija sua boca. Lábios macios pressionam os seus, a língua avança sobre a sua, ambas se acariciam, se enroscam, se completam, suas salivas se misturam, o sabor residual do Halls cereja vai parar dentro de você. O vento é um distúrbio no calor de suas peles e o cheiro de mato da loção pós-barba dele se intensifica. Quando terminam, ele solta você lentamente, como a gota de suor que sente percorrer suas costas.

Desce do carro devagar, sem falar nada. Gostaria de ficar, gostaria de outro beijo, gostaria de lhe perguntar aonde vai, na verdade gostaria de ir com ele. Mas só sai do carro e se esforça para colocar a mochila nas costas. Então ele se debruça sobre o banco do passageiro e seu olhar até parece um pedido para que volte, mas com um sorriso que deixa suas pernas ainda mais bambas, ele diz:

– Bons estudos – e puxa a porta como se parecesse lhe dar tempo, quase em câmera lenta, até que a fecha. O fusca parte, você fica.

Seus pés hesitantes conduzem você até a entrada da biblioteca. Mal empurra a porta, e o cheiro dos livros alcança seu nariz. Ao ouvir o motor acelerando, vira-se para trás e vê o carro dele na pista contrária, descendo no sentido da saída da Cidade Universitária. Ele dá duas buzinas curtas. Você não acena de volta.

Na segunda-feira, ele não aparece para fazer a prova. Você faz, estudou na sexta até escurecer e repassou o resumo da matéria no domingo, suas respostas dão a certeza de boa nota, que dias depois se confirma. Com mais uma matéria aprovada no currículo, chegam as merecidas férias, mas vocês não se encontram, nem no início do novo semestre e das novas matérias. Dizem que ele trancou a faculdade, foi viajar, e você finge que essa informação tem a relevância da previsão do tempo.

Muitas semanas se passam até você receber um postal da Austrália. Não tem nada escrito além do seu endereço, mas reconhece a letra dele. O cartão é decorado com fotos de ornitorrincos. Então descobre que ele sabia que você os adorava.

**Kátia Pastre** ([katia.pastre@terra.com.br](mailto:katia.pastre@terra.com.br)) nasceu em Jundiá, cresceu cercada de livros e amava contar histórias inventadas. Mas se apaixonou pelas moléculas e foi cursar Química e Farmácia. Ao bater a tentação de mentir a idade, percebeu que era só vontade de escrever ficção.

# Selesta e Solaura

Laís Tomari

ficção •

A fada Selesta saiu do bueiro estapeando a saia do vestido azul. Seu semblante ranzinza parecia sugerir a vivacidade de suas cores. Ela lembrava uma boneca de porcelana esquecida numa prateleira por muitos anos, opaca e empoeirada; as asas e os cabelos eram de um tom azul acinzentado, e sua roupa não tinha o mesmo brilho iridescente que as vestes de seda das fadas costumavam ter.

A lembrança de antenas em movimento roçando em sua perna forçou a fada a segurar um reflexo do estômago que subira queimando a garganta. Selesta estremeceu ao pensar que poucos segundos atrás escapara de uma barata voando em seu encaço, quando deixou a mina subterrânea dos anões, de onde o pó mágico é extraído e refinado. Apesar do juramento de cumprir papel ativo na defesa dos animais, baratas não entravam na categoria dos abençoados filhos da Mãe Terra. Não na opinião de Selesta.

Mesmo com as inconveniências de frequentar o subterrâneo nojento dos humanos, os corredores do esgoto ajudavam-na a passar parte do caminho de sua missão sem ter de se preocupar em ser vista ou incomodada por pessoas. Seu rosto azul se retorcia com a ideia de encarar pessoas. Prezava pela eficiência em todos os aspectos de sua vida, e lidar com o espanto e a maravilha de um ser humano descobrindo uma fada em carne e osso não era nada eficiente.

Enquanto se livrava de qualquer resquício da visita ao esgoto, os tapinhas na saia chegaram à bolsa de tecido amarrada em sua cintura, e um espasmo tomou conta de sua perna. Com olhos arregalados, a fada ergueu a bolsa diante de si, examinando cada canto do exterior e também seu conteúdo. Suspirou ao confirmar que estava intacta. Não porque duvidasse de suas capacidades, mas porque fazia parte do protocolo da missão de recolhimento do pó mágico. Não precisava mais carregar o manual de conduta das fadas, porque já decorara todas as regras há muito tempo.

Artigo nº 67 – A fada encarregada da nobre missão de recolher e entregar o pó mágico deve zelar pela integridade do pacote em todos os momentos do percurso. É de total responsabilidade da fada entregadora que o conteúdo seja conduzido ao Centro de Distribuição da Sociedade das Fadas® em sua totalidade.

Dando a sorte de a rua estar vazia àquela hora da tarde, Selestá certificou-se de que ninguém a notara na calçada e deu um impulso para o alto. Acima das telhas dos sobrados, voou na direção sul, suas asinhas azuis batendo com vigor numa velocidade próxima à de um beija-flor. Nada era mais agradável do que a sensação de voar. Era onde ela se sentia mais à vontade, muito mais do que na Sociedade das Fadas®, ou até mesmo no seu pequeno chalé de veraneio, no Reino das Fadas.

Com a mente focada no trajeto e o corpo vibrando, Selestá disparava, cortando o céu, quando foi atingida por um vento forte que a desestabilizou. O vento carregou a fada para a direita, depois virou à esquerda e a lançou para longe. Ela deu piruetas no céu e os telhados começaram a girar; entrou em pânico quando percebeu que suas asas se recusavam a bater.

Despencando do céu, a paisagem parecia se aproximar muito rápido, porém não tão rápido quanto a velocidade que alcançava ao voar. Selestá percebeu que chegava perto de uma janela onde viu pendurado um bebedouro de passarinho. Assumindo posição de mergulho, esticou as mãos para segurá-lo, mas a rapidez com que caía fez com que Selestá acabasse girando ao agarrar o objeto pelo bocal; suas mãos cederam e a fada se soltou, estatelando-se de cara no para-peito da janela.

A frente inteira de seu pequeno corpo ardia. Estava tão colada à superfície de lajotas que Selestá teve certeza

de que era assim que se sentiria se algo como tapete de fada fosse um artigo em voga. Espalmou as mãos e tentou se levantar, mas estava tonta dos rodopios no ar e atordoada com o baque final. Caiu de lado e respirou fundo esperando que a dor lancinante aliviasse.

As costelas doíam e, enquanto inspirava com dificuldade, Selesta sentiu o cheiro de algo doce e caloroso. Se conhecesse o amor, poderia ter pensado que era esse o aroma. Grunhiu e se deitou de costas, depois grunhiu de novo ao virar-se para o lado de dentro da janela. Era uma cozinha modesta, com ladrilhos verde-água nas paredes antigas. No centro da mesa de jantar estava uma cestinha. Parecia ser de lá que saía a fragrância que Selesta sentia; ela quase podia ver o aroma exalando do topo da cesta em ondulações tentadoras. Ou será que estava delirando? Tinha batido a cabeça bem forte, afinal.

Sentou-se com as pernas cruzadas e massageou a pele na esperança de alcançar seus ossos abalados e aliviar um pouco da dor. Ainda bem que as fadas têm boa resistência física, apesar do tamanho de passarinho. Esse tipo de acidente não poderia de fato matar uma fada. Para realizar tal feito, seria necessária uma ocorrência muito mais... mal-intencionada. Selesta conhecia apenas uma fada que sucumbira sob circunstâncias misteriosas, alguns séculos atrás. Mas quando surgiam dúvidas na Sociedade das Fadas®, sempre evitavam esse assunto.

Aos poucos, a ardência e o latejo cediam, e Selesta voltava a seu estado natural. Testou alguns comandos às asas, que pareciam estar funcionando normalmente. Franziu a testa pensando na inconveniência que aquilo havia lhe causado – pelo menos agora estava tudo certo. Levantou-se e olhou para o céu, pronta para retomar seu caminho, mas hesitou. Olhou por sobre o ombro, para a cesta em cima da mesa. A casa estava silenciosa, risco mínimo de revelação mágica. Não pôde se conter.

Entrando em modo furtivo, encostou na lateral da janela e avaliou por alguns segundos se realmente não ouvia nenhum som de passos ou vozes de gente, ou até de algum animal (houve uma vez um acidente terrível envolvendo um gato amarelo e um saco de jabuticabas). Nem um pio. A fada esfregou as mãos e deu um salto, voando para cima da mesa. Podia sentir o calor vindo da cesta e o cheiro doce capturando seus sentidos, como que a convidando a se aconchegar. Selesta se debruçou por cima da cesta e viu bolotas douradas levemente disformes, salpicadas de grânulos brancos e castanho-avermelhados. Pessoas eram muito grandes, muito barulhentas e muito desagradáveis, mas seus feitos culinários eram um tanto... admiráveis.

Esticou a mão para arrancar um pedaço daquela iguaria, mas o som de uma porta se abrindo, seguido de duas vozes, a fez congelar. Selesta se sacudiu, percebendo que os pés haviam se erguido da mesa, e agora ela se equilibrava no aro

da cesta pela cintura. Pendulou-se para trás e alcançou a madeira, mas seu cinto se prendera na cesta. O barulho de gente chegava perigosamente perto. A fada chacoalhava o cinto preso violentamente. Despreendeu-se bem a tempo de voar até a janela, escondendo-se atrás do bebedouro de passarinho, com o rosto colado no cilindro de plástico transparente.

Através do bebedouro, Selesta espiava as imagens turvas de uma menina batendo os pés e de uma senhora bem mais velha, ambas entrando na cozinha. A senhora tinha o cabelo grisalho, a maior parte dos fios brancos em mechas ao redor do rosto. Já a menina era comprida, quase da altura da senhora, mas bem magricela, e usava uma presilha azul brilhante que lembrava uma borboleta.

– Você não me deixa fazer nada que eu quero, vó!

– Quando for mais velha, vai poder fazer o que quiser.

Lá pros vinte, quando tiver juízo.

A garota enterrou a mão na cesta, sentando-se ruidosamente à mesa. Selesta sentiu a saliva querendo escorrer pelo canto do lábio – a menina foi enfiando na boca vários dos bolinhos, quase sem mastigar direito, lançando um olhar enraivecido para as costas da avó. A senhora lavava a louça e parecia não se abalar com a ira da neta, que murmurava reclamações abafadas, ainda de boca cheia.

Não adianta fazer birra, Solaura. Você só tem doze anos. E limpe essa boca cheia de açúcar.

Isso não é justo!

A fada achou que aquela era uma boa hora para se mandar. Limpou a umidade dos lábios e deu um impulso do bebedouro para o ar. O objeto balançou algumas vezes, mas ninguém percebeu.\*

Lais Tomari (lais.tomari@gmail.com) é uma escritora paulistana em formação, que acredita no poder da ficção fantástica para nos ajudar a lidar com o caos da vida moderna e com os nossos próprios demônios por apresentar novas perspectivas aos tempos apocalípticos como o que vivemos.

---

\* Primeiro capítulo do livro *Selesta e Solaura*, história de uma fada que trabalha na Sociedade das Fadas, empresa que coordena os trabalhos delas no mundo humano.



# Em Montevideu com Teletubbies

Laura Artigas

não ficção •

Os Teletubbies eram um grupo de quatro extraterrestres coloridos. Habitavam a antiguidade pré-smartphone e pré-Peppa Pig. Funcionavam como babás eletrônicas televisivas durante as manhãs, iluminados por um sol com cara de bebê. Talvez pelo Zeitgeist escapista da época, início dos anos 2000, os clubbers, frequentadores de festas de música eletrônica, os adotaram como mascotes. Muita camiseta estampada com os quatro garotos da Teletubilândia voltou para casa suada depois de uma noite fritando ao lado de caixas de som. Os criadores dos Teletubbies são ingleses. Outro produto da televisão britânica é o reality-show *Supernanny*, no qual uma babá veterana socorre os pais de seus próprios filhos. Não é possível afirmar se assistir aos etezinhos estava na lista de instruções da babá, mas sua bula indicava o contato visual firme como pedra fun-

damental para a construção da cumplicidade entre os seres humanos. Já o contato visual entre pessoas desconhecidas em um bar costuma significar flerte. Foi assim, olho no olho, que Conrado e um Teletubby noturno iniciaram uma conversa em Montevidéu, no Uruguai.

*No hay nadie como tú, No hay nadie como tú, mi amor.* O *reggaeton* se espalhava pelo bar pega-turista, o único estabelecimento aberto na cidade no dia 25 de dezembro de 2010. Em pé, o Teletubby vermelho tirou a cabeça da fantasia e a pousou na mesa onde também estavam sentadas Alice e Carmem, as amigas e companheiras de viagem de Conrado. Apesar do look arrojado, o garoto muito branco e muito loiro não era de se jogar fora. E o olhar de raio-x de Conrado, mesmo depois da operação de ceratocone, havia atingido um novo patamar. “Tinha um buraco na fantasia, não é possível”, sussurrou Carmem no ouvido da amiga. Conrado se levantou e ficou encostado na mesa, de costas para as duas, dedicando-se ao flerte. O Teletubby com cabeça de gente tentava sem sucesso encaixar o movimento dos ombros no ritmo da música. Inglês.

Depois de uns cinco minutos de conversa, Conrado colocou a mão direita atrás das costas, como fazem os jogadores de vôlei para indicar uma jogada, virou o polegar para baixo na direção das duas amigas. “Heterossexual.” Tentou inserir a criatura no grupo, na tentativa de terceirizar seu desejo por uma das duas, coisa que costumava fazer com fre-

quência pra posteriormente ficar perguntando sobre detalhes do corpo do rapaz caso seu plano funcionasse. Sem sucesso. As duas, que sempre precisaram de um drinque como lubrificante social, estavam mais interessadas em honrar o compromisso de terminar as respectivas long necks. Conrado nunca precisou de bebida para socializar. Nasceu assim. Com uma boca torta e um olhar de desprezo para elas, ele seguiu papeando com o seu único amigo verdadeiro daquela noite. A caipirinha que na sequência Conrado derrubou no rapaz fez brotarem outros dois seres semelhantes: um vestido de laranja e outro de rosa.

Os Teletubbies originais eram verde, amarelo, roxo e vermelho. Os genéricos, além de terem cores alternativas e estarem desfalcados em número, tinham o modelo cabeça de homem, corpo de Teletubby e bebiam cada qual o seu litrão no gargalo. Juntos formariam um bom casting para a publicidade de perfume Dolce & Gabbana; no entanto, o índice de enrubescimento das bochechas denunciava, além dos DNAs britânicos, o alto teor alcoólico. O cheiro das pelúcias suadas não demorou a invadir as narinas do trio de amigos brasileiros. Conrado fingiu costume e foi sutilmente conduzindo as figuras para longe da mesa. Carmem e Alice comentaram horrorizadas e em voz baixa sobre o ocorrido invisível. “Afim, nunca se sabe se um gringo fez trabalho voluntário no Brasil e entende português.”

Goles depois, os Teletubbies tendiam mais para hooligans. Alice e Carmem passaram de entediadas a amedrontadas. Os seres tentavam aliciar Conrado na busca por algum inferninho aberto. Alice pulou da cadeira e o censurou: “Já brincou bastante, né?”. No caminho a pé, de volta para o albergue da juventude, Conrado contou que os três garotos só se chamavam pela cor correspondente de suas fantasias Mr. Red, Mr. Orange e Mr. Pink. “Como os nomes dos bandidos do filme *Cães de Aluguel* do Tarantino!”, exclamou Carmen. Conrado não havia captado o subtexto cinematográfico. Alice, com sua meia cerveja quente em mãos, se vangloriou de ter livrado o amigo de uma gangue de verdade.

*Qué voy a hacer Je ne sais pas Qué voy a hacer Je ne sais plus Qué voy a hacer Je suis perdu.* No final dos anos 2000, os albergues da América do Sul costumavam deixar os discos do cantor francês Manu Chao no repeat. Carmem perguntou para Alice: “Que horas son, mi Corazón?”, continuando a letra da música. Era hora do café da manhã. Um inédito café da manhã incluso na diária de um hostel.

Alice cuspiu o suco de laranja (era Tang): “O Teletubby rosa está aqui!”. Mr. Pink em pessoa, sem camisa, com a fantasia arriada até a cintura, deixando visíveis uma nesga da cueca e um olho roxo. Ele olhava um iPhone em uma era pré-smartphone na América Latina. Mr. Orange o consolava com a fantasia na mesma situação. Banho não rolou.

Com um cartão telefônico pré-pago em uma mão, Mr. Pink, fazia ligações. As duas miravam a mesa deles, afoitas por mais pistas sobre o caso. Alice saiu do refeitório e voltou com Conrado despencado da cama alguns minutos depois. Férias têm dessas urgências. Carmen já havia conseguido pescar algumas informações: “vamos ter que sair amanhã”; “pedi pra minha mãe cancelar”; “Mr. Red está roncando muito”. Como o Teletubby vermelho ainda não compunha o trio, Conrado não se animou a puxar papo. O sono é seu calcanhar de Aquiles.

Se o esperanto não uniu os povos como língua universal, a vontade de fofocar desenvolve linguagens e reúne rivais históricos. Antes de sair para o city tour, Carmem gastou seu portuñol-advanced com o recepcionista argentino, muito simpático, que usava um colar de sementes. Voltou com informações: “Briga e roubo”. (...) *Con el coyote no hay aduana.*

No verão, o sol se põe às 21 horas em Montevideú. Antes do WhatsApp, pequenas filiais da ONU se formavam nas áreas comuns dos hostels. Israelenses recém-saídos do exército, nórdicas financiadas pelos governos locais para estudar mercados emergentes, canadenses que viajam o mundo por um ano com o dinheiro do plantio de árvores e sul-americanos de diversos países conhecendo a si mesmos. Os papos sempre arrancavam com “where are you from?”, engrenavam para as diferenças culturais: “En (nome do país) es igual”,

concordavam os hermanos do continente sobre as injustiças sociais de suas respectivas nações; “mas vocês são mais alegres. Calorosos. Adoram festa”, consolavam os europeus em tom naïf. Assuntos geopolíticos esgotados, a coisa rumava para os objetivos comuns de boa parte dos jovens do mundo: bebida, pista de dança, maconha, substâncias psicodélicas e sexo em algum lugar desconfortável. Fazia 31 graus.

Depois de tomar uma cerveja Patrícia litrão sozinha, e no gargalo, Carmen tinha um plano. Desceria até a recepção, seduziria o recepcionista argentino. Olharia o xerox dos passaportes dos Teletubbies, descobriria seus verdadeiros nomes e os stalkearia no Facebook. Declinou da missão assim que as pelúcias reluziram na porta da terraza do hostel onde a ONU se reunia. Mr. Red, Mr. Pink e Mr. Orange, com as fantasias arriadas até a cintura e peitos nus, não se inibiram com a surra de contato visual que receberam de todos os hóspedes. Estavam à vontade, como se vestissem roupas civis. Conrado retomou o olho-no-olho com o Mr. Red, e a amizade da véspera renasceu.

Sob efeito do cigarrinho ainda não legalizado, Mr. Red foi soltando as informações preciosas. Os três estavam justamente atrás da erva e foram se consultar com meninos que caminhavam na orla. Os garotos queriam assaltá-los. Mr. Pink reagiu, levou um soco na cara e caiu no chão. Aproveitaram sua queda para afanar a carteira que estava no bolso

da fantasia (sim, a fantasia tinha bolso). Por sorte, o passaporte estava dentro de uma pochete dessas de viagem, dentro da cueca, e passou ileso. O Laranja e o Vermelho foram poupados da violência. As veias abertas da América Latina. Alice mandou um olhar meio cuidadoso, meio malicioso para Mr. Pink, correspondido no mesmo tom com sucesso. Depois os Teletubbies contaram que as fantasias eram um dos elementos que compunham um sonho antigo e em plena realização: ir do Uruguai até Machu Picchu, de moto e – a informação mais chocante – só trouxeram um figurino para cada. Impressionava o rigor britânico de sempre se chamarem por “Mr. + cor da fantasia”.

Mr. Pink sentou-se intencionalmente do lado de Alice. Estava encantado com suas tiradas inteligentes feitas com um inglês macarrônico. Olho roxo nos olhos castanhos. Ele perguntou se ela já tinha ido à Amazônia. Ela se aproveitou do clichê para praticar sua cultura: “cafuné, palavra de origem indígena”. Carmen só pensava no estado que a mão dela saíria daquela cabeça, enquanto desviava dos olhares insistentes de Mr. Orange. Para ela, a higiene europeia era uma serial killer de amores transatlânticos. Ela também havia se aconselhado com a cerveja Patrícia e partiu para o plano mais singelo na pista improvisada por ali para, com discotecagem do recepcionista argentino, se aproveitar da fama internacional das brasileiras e ensinar os gringos a

dançarem *Segura o Tchan*. Em uma era pré-Grindr, e Conrado, vendo que não era naquele dia que Mr. Red desbravaria novos territórios, acabou se recolhendo mais cedo, bastante revoltado: “só tem hetero nesse lugar”. Antes, puxou Alice de canto e cochichou: “se pegar, olha o nome dele no passaporte. Está na pochete dentro da cueca”.

*El viento viene, El viento se va, Por la frontera...* Conrado fazia o check-out do hostel quando Mr. Pink apareceu com uma camiseta branca de comercial de alvejante, cabelos molhados, a parte de cima da fantasia dobrada na altura da cintura, a cabeça da fantasia em uma mão e a mão de Alice na outra. Ela, por sua vez, segurava um capacete de moto rosa debaixo do outro braço. Se despediram com um selinho. Mr. Orange e Mr. Red chegaram logo em seguida com cara de ressaca, camisetas regatas amarrotadas. Continuavam cheirando mal. Pouco tempo depois, Carmem, com o sorriso sapeca estampado no rosto e um colar de sementes no pescoço, se juntou a Alice e Conrado para observar o trio felpudo arrancar com os capacetes coloridos em suas motos e as cabeças das fantasias nas respectivas garupas.

“E aí, como ele se chama?”, perguntou Conrado.

“Quando você dá nome se apegá, né?”, respondeu Alice.

Se olharam nos olhos e caíram na gargalhada, enquanto os Teletubbies desapareciam... *Por La Carretera*.

(Esta é uma história real. Os nomes foram trocados para preservar a identidade dos envolvidos.)

**Laura Artigas** ([lauraartigas@lauraartigas.com.br](mailto:lauraartigas@lauraartigas.com.br)) é jornalista e roteirista. O texto e o audiovisual são suas formas de expressão. Colaborou com os principais veículos de imprensa do país. Escreveu e dirigiu os documentários: *O Arquiteto* e *a Luz e O Ponto Firme*.

# Varais

Leila Rodrigues

*Mas cadê meu lenço branco... ô lavadeira  
Que eu lhe dei para lavar... ô lavadeira  
Madrugada madrugada ... ô lavadeira  
E o sereno serenou ... ô lavadeira*

*Não tenho culpa do que se passou  
Deu uma chuva muito forte  
E o lenço carregou*

Coral das Lavadeiras de Almenara/MG

• não ficção •

**N**o finalzinho da tarde, recolhia-se a roupa nos varais da casa da Vovó. As almas após esse horário, ela dizia, procuravam abrigo e vestiam casacos, calções, blusas e saias, vagando pelos quintais para escolher sua nova pele.

Como assim? Fantasmas sentem frio?

Não entendia e perguntava por que eles escolheriam nossas roupas simples que secavam com a brisa da tarde e os últimos raios solares.

*Saudade dos tempos que viviam na Terra, explicava Vovó.*

Antes da Ave Maria, os caniços de bambu eram baixados para a retirada dos lençóis brancos e cheirosos; saíam também as ceroulas do Vovô e as anáguas da Titia e da Vovó. Eu segurava a bacia de alumínio e acompanhava em zigue-zague, entre os três compridos varais, o arremesso das roupas.

Correndo, esvaziava a bacia, voltava, esvaziava e voltava. Às 6 da tarde, quando os sinos da Igreja do Carmo começavam a badalar, não havia mais risco de assombração. Confesso que acreditava e sentia um pouco de pena dos fantasmilhas. Coitados, sem roupa para vestir.

*Crendice, Papai dizia.*

*Besteira, resmungava Vovó.*

Porém, naqueles tempos, não contrariávamos as ordens de Vovó.

Hoje, meu varal fica lotado de roupas após o entardecer. Quem sabe, dia desses, Vovó não vem em busca de suas anáguas.

Leila Rodrigues (leilarod@bol.com.br) é jornalista por formação, poeta e cronista em ebulição. Apaixonada pela avó, escreve sobre as sabenças que ela deixou como legado.

# Ele

Léo Oliveira

não ficção •

## Na estação, às 18 horas

**E**le desceu molhado as escadas fixas da estação Fradique Ventinho (como diz uma amiga minha) desviando das pessoas mais lentas, correu pela escada rolante e parou na fila para carregar o cartão. Avistou máquinas sem pessoas e se encaminhou para uma delas, depois se posicionou na máquina seguinte e na próxima, e depois na consecutiva.

Uma moça na longa fila lhe perguntou se as demais não estavam funcionando, e ele respondeu que não. Ele falou com o funcionário técnico da estação, depois com o segurança, e entrou pela cancela contrária ao fluxo de pessoas com a ajuda do segurança, que liberou a entrada para ele, de graça.

Nos encaminhamos para o mesmo vagão lotado, até me confundi se ele era eu ou se eu era ele. Caímos em cima

de uma moça na frenagem do carro na estação seguinte. Fui para o corredor e ele permaneceu na porta.

Descemos na República, fizemos baldeação lado a lado, depois saltamos na Barra Funda.

O segui, deixei meu corpo ir para onde ele ia, o início da plataforma. Cheia de gente. Cheia de muitas outras gentes que não nós, talvez maior do que a quantidade de pessoas que nós juntos já tenhamos conhecido nessa vida.

Olhamos sincronizadas para a direita e dois homens desciam as escadas rolantes que subiam, eles riam e conversavam. Eu olhei para ele e nós ríamos dentro de nossas máscaras.

O trem chega, há muitas pessoas já dentro dos vagões, ele vai embora e eu fico, ao lado do lixo, aproveito para terminar de comer meu bolinho de baunilha.

# Forasteira do oriente

Maria Fernanda Cerávolo

• não ficção •

**19** de dezembro de 2020. Antes de deixar meu apartamento em Tóquio, no fim de uma manhã fria e ensolarada, ando pelos cômodos vazios pela última vez. No carpete, agora livre, vejo as marcas da mobília removida na noite anterior. Além delas, nada. Nenhuma mancha de canetinha nas portas ou de vinho tinto no chão. Nenhum buraco na parede ou fuligem no teto da cozinha. É preciso entregar tudo exatamente como encontrei. Qualquer vestígio de felicidade no imóvel alugado vai me custar mais do que os ienes antecipados como garantia da minha idoneidade. Meu único descuido – a cópia da chave da porta de entrada perdida durante uma de minhas caminhadas noturnas pelo bairro – custou o equivalente a uma passagem de Shinkansen, o trem-bala japonês, para Hakone, cidade a oeste de Tóquio, de onde se vê o Monte Fuji bem de pertinho.

Me mudei com meu companheiro e minha filha há dois anos para liderar o plano global de vídeos das Olimpíadas de 2020 para o YouTube, meu empregador, a partir de Tóquio, sede do evento. Sair do Brasil para viver do outro lado do mundo, além da atração pelo imponderável, teve um quê de exílio. Imaginei que de cabeça para baixo minha vista talvez ficasse menos turva, pois mesmo depois de uma cirurgia dolorosa de miopia, realizada meses antes da mudança, estava difícil enxergar uma realidade digna para uma nação tão desigual.

Tomamos a decisão de vir para cá entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, quando o avanço do conservadorismo, em apoio a um candidato presidencial tirano, defensor do acesso indiscriminado às armas de fogo, da exploração criminosa dos recursos naturais, da invalidação dos direitos humanos e da desinformação, dentre outras barbáries, parecia irreversível. E sistêmico, pois aflorou na esteira da guinada da extrema direita nos Estados Unidos, com a eleição presidencial da celebridade de *reality-show* loira. Não vou escrever o nome do presidente que acabou sendo eleito, pois a pronúncia de nomes, palavras, frases ou termos, se captada por meio de receptores instalados em celulares e computadores conectados à internet, pode aumentar sua relevância e descontextualizar o enredo. Alguns chamam os comandos que condensam e cospem de volta essas infor-

mações de algoritmos – na crueza de seu uso atual; eu prefiro chamá-los de sabotadores da liberdade de expressão e da privacidade. Nunca mais nos livraremos deles, mas do infame presidente, creio que sim.

Andei muito pelo mundo, mas vir para cá foi meu desvio de rota mais radical. Nasci no centro-oeste de São Paulo, numa cidade chamada Presidente Prudente, um dos principais destinos de imigrantes japoneses no século 19. Minha infância e juventude foram cercadas de netos e bisnetos de imigrantes como o Murakami, ‘Mura’, meu amigo, filho do dono da joalheria, não o escritor, e a Letícia Y., colega de colégio e vizinha. Minha mãe praticou ikebana durante muitos anos. Meus irmãos, judô. Meu pai estudou Medicina em São Paulo e alguns dos seus colegas de faculdade e profissão mais chegados eram japoneses. Minhas muambas prediletas de infância eram borrachas, papel de carta e lápis ilustrados com Hello Kitty. Eu desenhava avidamente mangás de olhos vivos e brilhantes – para minha desgraça, mamãe jogou tudo fora. Várias marcas locais fizeram parte da minha vida: Atari, Panasonic, Canon, Nikon, Sony, Yamaha... Até hoje tenho a cicatriz de uma queimadura causada pelo escapamento da Honda CB400 do meu pai, na coxa esquerda.

Me identifico com as várias texturas dessa cultura que, ao lado da italiana, da qual descendo, e da brasileira, à qual pertença, me aguçava, mas, em doses cavalares, me asfixiou. As mulheres, por exemplo, ainda são obrigadas a dis-

putar ferozmente um espaço na mesa e a justificar sua presença. Em alguns ambientes profissionais e acadêmicos, são proibidas de usar óculos de grau, obrigadas a usar sapatos de salto alto e a manter a cabeleira lisa e negra – tudo pela manutenção de um padrão de beleza idealizado.

O Japão que eu aprendi era o do futuro quentinho e seguro. Mas deparei com aspectos que imaginei trancafiados no passado. O machismo é arraigado, cuidadosamente delineado e perpetuado no desenho de uma sociedade hierárquica, organizada em castas, onde está claro quem manda e quem se curva. E isso causa um abismo difícil de transpor entre as pessoas. As taxas de suicídio estão entre as maiores do mundo, os idosos morrem sozinhos em casa, e relacionamentos afetivos que não seguem o padrão heteronormativo são sufocados. As vitrines nipônicas vendem uma estética robótica, mas, vistas de perto, vomitam rebites. O meu Japão de antes se reduziu a uma miragem utópica.

Cheguei em Tóquio com um canivete cego no bolso e tive que afiar sua lâmina. Espiei a realidade local sob um ângulo ao qual poucos *gaijins* têm acesso, especialmente uma *gaijin* fêmea. Para uma ocidental, brasileira como eu, estar aqui me faz sentir alerta e minúscula. Não falar japonês ou, pior, ter que me comunicar em inglês num país onde o idioma é pouco falado, e com uma vagina entre as pernas, prejudicou minha capacidade de expressão e as chances de pertencimento.

Apesar dos tropeços, fui persistente e, com o tempo, conquistei o respeito dos meus oponentes mais ferrenhos, os predadores do topo nipônico, os homens de negócios. Para um novo veneno, precisei renovar os antídotos. Minhas primeiras reuniões com executivos nas dependências do Google, no bairro de Roppongi, uma espécie de Wall Street, foram assoberbadas. Ninguém me preparou para elas. Fui apresentada como estrategista sênior em conteúdos para eventos de grandes proporções em ambientes digitais, com duas Olimpíadas, uma Copa do Mundo (no Brasil) e a transmissão de vários carnavais de rua e festivais de música no currículo. Minha experiência nunca foi questionada abertamente, mas fui boicotada por meses enquanto tentava empurrar minha lógica de trabalho goela abaixo, em um ambiente em que mandam relacionamento, raça e hierarquia. Ou seja, experiência no currículo, no Japão, para uma forasteira, não serve para nada.

A democracia não é exercida em salinhas fechadas. Participei de centenas de reuniões, e descobri que o consenso comunitário, ao vivo, não existe. No meu primeiro mês de trabalho, entendi que um ano e meio e práticas tropicais não seriam suficientes para criar e executar um plano com marcas globais patrocinadoras olímpicas, executivos vaidosos, detentores de direitos da transmissão, criadores de conteúdo e agência de publicidade regida pela lógica de camaradagem da Yakuza. Para avançar, antes das conversas

em grupo, era preciso me reunir com cada indivíduo, entender aflições, vender uma perspectiva favorável do projeto, e só então voltar para a prancheta, ponderar tudo, e apresentar uma solução viável ao grupo. Na versão *extra large* que satisfizesse a pessoa de patente mais elevada da hierarquia, e seduzisse os demais participantes a se engajarem e contribuir. Mudei a tática, subi de patente, mais um processo que, em São Paulo, duraria um mês, em Tóquio levava seis.

O local escolhido por nós para morar, pela conveniência do ônibus escolar da Sophia, minha filha de oito anos, que ia a pé sozinha para o ponto todas as manhãs, foi Yoyogi Uehara. Um bairro rico localizado em Shibuya e próximo a Shinjuku, dois dos distritos mais populosos de Tóquio e do mundo, onde o traçado moderno é entremeado por vestígios de arquitetura milenar. As árvores são esparsas com copas cirurgicamente podadas. A faixa de solo permeável é limitada ao entorno das casas e aos parques, e jardins abundantes são um privilégio. A nesga de verde mais próxima, embora nada selvagem, é o jardim de Tadashi Yanai, nosso vizinho, que, por trás de uma muralha medieval, insinua exuberância.

Dono do maior império da moda japonês e um dos maiores do mundo, a Uniqlo, Yanai nasceu em 1949, na cidade japonesa de Ube, província de Yamaguchi, entre Hiroshima e Nagasaki. Enquanto se revirava no berço, as gerações anteriores tentavam se recuperar da tragédia do pós-guerra. Começou sua jornada de forma tímida, vendendo utensílios

domésticos e roupas em um supermercado. Pediu demissão e foi trabalhar com o pai em sua alfaiataria itinerante. Uma década depois, o deixou com as tesouras nas mãos e abriu sua primeira loja na cidade de Hiroshima. Yanai nunca me convidou para um ritual do chá em suas dependências, mas me importunou várias vezes com a rotina matutina. Ele saía de casa voando com seu helicóptero barulhento para o primeiro compromisso milionário do dia, enquanto minha cabeça ainda repousava no travesseiro.

Depois da primeira xícara de café matutina, e sem as asas da mosca gigante de Yanai, eu voltava a ouvir os galhos cutucando as janelas com a força do vento constante na ilha. E o grasnar dos corvos que eriça a alma em seus arroubos, na captura de restos de comida derrubados por pedestres na noite anterior ou de qualquer objeto que sirva para construir um ninho. Nem os cabides usados para pendurar as roupas na varanda dos apartamentos se salvam.\*



**Maria Fernanda Cerávolo** (fernanda.ceravolo@gmail.com) nasceu no interior de São Paulo. É neta de uma contadora de histórias centenária, filha de pai médico e mãe artista. Mora em São Paulo com o companheiro e a filha. Trabalha em gigantes de tecnologia e escreve por amor, prazer e curiosidade.

---

\* Trecho inicial de um projeto de memória da autora.



# Contornos de uma prática do amor

Marília Santos

ficção •

**C**onvidamos os colegas de trabalho de meu marido e suas esposas para jantarem em casa. Saí pela manhã, disposta a atravessar a cidade para fazer compras no distrito ocidental. Tomei o bonde e, observando as ruas pela janela, pensei que os fios de eletricidade eram os trilhos sobre os quais o vagão avançava.

O mercado estava vazio quando cheguei. Os homens nas barracas, quase todos de barba, não faziam questão de sorrir. Escolhi folhas frescas, batatas, postas de salmão e uma bacia de figos maduros. No caminho de volta, parei numa doceira, impelida pelos bolos expostos na vitrine. Decidi-me por uma torta de creme fresco coberta de framboesas. A atendente, notando que estava carregada, embalou-a numa caixa de papelão, que em seguida amarrou com barbante, criando uma alça pela qual podia ser sustentada. Saí, mal me

equilibrando entre a sacola que estrangulava um braço e o embrulho instável no outro.

O bonde demorou a passar e quando chegou estava lotado. As pessoas se atropelavam para entrar e sair, sem pedir licença. Esperei passar o próximo, que também tardou e veio ainda mais carregado. O sol marretava minha testa; a hora se adiantava. Cogitei pegar um táxi, mas fiquei em dúvida se teria dinheiro suficiente para pagar a corrida. No fim, com as forças que me sobravam, encarei a caminhada infinita. A cada pausa para tomar ar, arrependia-me um tanto de ter ido ao mercado mais distante, escolhido a sobremesa mais delicada e me deixado entusiasmar por um compromisso cujo sentido perdia de vista. Um pedaço de mim nublava.

Ao chegar em casa, coloquei as compras na geladeira e tomei uma ducha fresca para aliviar o cansaço. Meu marido voltou mais cedo do trabalho e evitou me perguntar por que estava impaciente. Abriu uma garrafa de vinho branco e serviu dois copos baixos. Dividimo-nos, ele na cozinha e eu pela casa. Colhi rosas e ramos de alecrim para separar nos vasos que colocaria sobre o baú junto à entrada e na mesa de jantar. Notei que as primeiras cigarras cantavam e que as folhas inertes no alto da tamareira pareciam ter sido pintadas a óleo, seu verde denso imbricado ao azul vivo do céu. Distribuí velas pelo terraço, recolhi a roupa que secava no varal e a escondi no quarto, espalhada sobre a cama. Preparávamos a casa pensando nos amigos que gos-

taríamos de rever, sem saber o que esperar dos convidados que viriam.

Fui me arrumar, mas nada caía bem. O vestido azul-marinho tomara que caia que havia separado não fechava no busto, a calça de linho branca que peguei em seu lugar me engordava as pernas e o vestido listrado que até então era um dos meus favoritos agora marcava o quadril. Desabei na cama sobre a pilha de roupas. Pensei em ficar doente e cancelar o jantar. Por que precisava passar por isso? Seria o caso de tomar remédio? Meu marido se deteve ao entrar no quarto, observando-me da porta, enquanto eu tentava disfarçar o choro. Pensou em dizer algo, mas seus lábios não verbalizaram a intenção. Sentou-se ao meu lado. Ainda vestia a roupa do trabalho, as mangas da camisa dobradas e o rosto cansado. Pegou com cuidado minhas mãos úmidas, e ficamos em silêncio, por um breve momento, como se fôssemos as únicas pessoas no mundo.

A campainha soou enquanto terminava de cobrir o rosto de base. Esvaziei o pulmão e fechei o zíper lateral do tomara que caia num só golpe. Fui à cozinha sem me fazer notar, espiando as pessoas que conversavam no terraço. Parecia que já os tinha visto antes. Retornei com as mãos ocupadas com copos e taças. As pessoas me cumprimentaram, amáveis. Uma das mulheres me chamou atenção pela abundância de amarelos: os cabelos alisados, o colar e o vestido de seda. Separadamente, eram adornos bonitos,

mas somados àquela hora da tarde, o sol ainda a definir a intensidade das cores, transbordavam, fazendo com que os olhares recaíssem todos sobre ela. Falava, e as duas outras esposas ouviam. Notei que seus dentes estavam borrados de batom. Aproximei-me da roda e, em pouco tempo, sem que tivesse pedido, fui incluída nos programas que fariam na semana seguinte. Tinham intimidade entre si, mas nenhuma das outras mulheres se incomodou de avisá-la que seus dentes branquíssimos estavam manchados de rosa. Ofereci-lhes algo para beber e aproveitei para também me servir. Insistiram para conhecer a casa, e quando me dei conta, estávamos no quarto, e me justificava pela baderna. Não sabia o que fazer com as mãos. Perceberam meu desconcerto e recomendaram uma diarista que me ajudaria a colocar a bagunça em ordem:

– Toda casa tem um quarto de despejo.

A brisa da noite balançou as lâmpadas que pendiam do cordão e iluminavam o terraço. Meu marido trouxe as travessas da cozinha com a ajuda de um colega, e nos sentamos para jantar. A mais observadora das mulheres, a que havia reparado no meu colar de conchas, ficou ao meu lado. Enquanto nos servíamos, mencionou que se formara veterinária, mas não sentia falta da clínica. Agora tirava fotos e planejava fazer retratos de pessoas com seus bichos de estimação. O projeto não me pareceu de todo ruim, e comentei que, com o tempo, os cães ficam mesmo com a cara dos donos.

Ela sorriu e me perguntou o que fazia da vida antes de me tornar esposa. Por onde começaria a responder? Contei-lhe, pela segunda vez naquela noite, que tinha sido atriz e percebi que, embora me olhasse fixamente e meneasse a cabeça, sua atenção na verdade estava voltada para o outro lado da mesa, onde a mulher loira discorria sobre lojas de tapete. Senti minhas bochechas esquentarem enquanto minhas palavras caíam no vazio. Ocorreu-me, então, que poderia dizer o que quisesse. A mulher intermitente, que estava e não estava ao meu lado, acolheria qualquer absurdo com o mesmo sorriso postiço com que, desde o início da noite, reiterava sua simpatia. Imaginei lhe contar uma história descaradamente fantasiosa e suspeitei que não perceberia o exagero. Imaginei ir além: encaixar impropérios no meio das frases, sem variar o tom de voz ou o ritmo da fala, e constatar que mesmo assim ela não se alterava. Por alguns segundos que pareceram minutos, ri baixinho, sozinha, da inocência daquele pensamento. Os convidados conversavam, olhos distraídos com o trânsito de travessas, pratos e talheres. Tentei me inserir nas conversas, mas as palavras não paravam de brotar, cada vez mais cabeludas, e o riso escoava, cada vez menos contido. Já não sabia se ria da minha imaginação ou da própria vontade irresistível de rir, de dar vazão a um sentimento que se alimentava de si próprio, avolumando-se por baixo do vestido apertado como um cano que se parte dentro da parede e ameaça rompê-la pela força oculta da água.

Escorei os ombros nus no espaldar da cadeira. Respirava através de espasmos breves, quase sem espaço para reter ar nos pulmões. O peito arquejante acentuava a sensação de que o fecho do vestido se romperia a qualquer momento. A essa altura, os convidados haviam parado de conversar; encaravam-me e riam timidamente comigo, embora não soubessem por quê. Consciente do perigo da fenda, do que em mim poderia ser exposto, ria, sem conseguir me conter. Um respiro em falso, e protagonizaria uma tragédia que se me afigurava terrivelmente cômica: meus peitos arrebatando o vestido, saltando com violência sobre a mesa e rolando entre taças e pratos, até caírem no chão, aos pés das mulheres incrédulas. Suava, o rosto em chamas, enquanto entretinha com minha crise de riso aquelas pessoas estranhas, cujas feições eram distorcidas pelas lágrimas represadas em meus olhos. Agarrei a taça e me levantei. Do outro lado da mesa, meu marido acompanhava meus movimentos com atenção. Ergui-a, mirei as bolhas que se desprendiam do fundo fino e sumiam ao tocar a superfície e fiz um brinde, gargalhando de boca aberta junto das pessoas que riam de mim.\*

**Marília Santos** ([marilia.cortez@uol.com.br](mailto:marilia.cortez@uol.com.br)) nasceu em São Paulo, em 1981. Formou-se em Ciências Sociais. É atriz.

# Luanda, 1975

Maurício Genofre

ficção •

O sino do colégio repicava urgente, não se sabe se clamando por um milagre ou pedindo um socorro mais mundano. Quando começaram os tiros, as freiras interromperam as aulas desesperadas e cada uma deu uma ordem diferente: “Todas deitadas no chão, debaixo das carteiras, agrupadas no canto da classe, longe das janelas”. De comum ao longo dos corredores só os choros assustados, tremedeiras, pais-nossos e ave-marias descompassados, com o pensamento em Deus e a atenção no tiroteio que vinha da rua. O ataque não durou muito, apenas uma ou outra vidraça foi atingida, mas a fachada do edifício ficou esburacada. Os guerrilheiros não estavam ali para matar ninguém, o que queriam era assustar.

Isabel e Maria João estavam tendo aula no São José de Cluny, no momento do ataque. A mais velha entrou em pânico, fez xixi nas calças e durante dias não quis voltar

para a escola. Maria João não chegou a entender o perigo por que passaram. Houve muito falatório naqueles dias, mas quando ela estava por perto os adultos abaixavam a voz ou mudavam de assunto. Só quando perguntou na cozinha o que estava acontecendo, entendeu a gravidade do incidente. Era um a mais numa lista que começava a ficar longa. No entanto, não foram os guerrilheiros e suas provocações que puseram fim às aulas, retomadas no dia seguinte, mas o go-tejar de baixas ocorridas ao longo do semestre. As classes se esvaziavam e os corredores ficavam cada dia mais silenciosos com a ausência das alunas que partiam para Portugal. Em agosto, depois de perder a maioria de suas estudantes, o São José de Cluny encerrou temporariamente as atividades.

A situação não era muito diferente no Liceu Salvador Correia, onde Vasco estudava. Lá não eram apenas os alunos que abandonavam o país, mas também os professores. Era uma história que se repetia cada vez com mais frequência – quase todas as semanas algum conhecido partia. Uns poucos iam até à casa de Maria João para despedir-se, umas visitas tristes, banhadas a lágrimas e recordações de um mundo que se desfazia; outros simplesmente desapareciam, sem tempo ou disposição para adeuses. A vizinhança minguava e já não havia crianças para brincar na rua: as que ainda estavam em Luanda ficavam trancadas em casa. Depois de irem à missa pela manhã com a mãe, os irmãos não tinham o que fazer. Em Angola não havia TV e a única distração era ouvir rádio.

Ficava cada qual no seu canto: Vasco, de quinze anos, não saía do quarto; Isabel, aos doze, já se via como uma moça e evitava a irmã caçula; a Maria João só restava brincar com as bonecas ou conversar na cozinha com Teresa, a empregada da família.

Não eram só as escolas que fechavam, parecia que todos os estabelecimentos desciam as portas, um atrás do outro: adeus gelados do Baleizão, pastéis de nata da pastelaria Versalhes, almoços no Barracuda, as empadas deliciosas do café Arcádia. Num dia sua mãe dizia com espanto: “O seu Álvaro fechou a loja e foi-se embora para o Algarve”, noutro alguém lhe contava que a ótica onde mandavam revelar as fotos não existia mais. Um sábado foi ao salão de cabeleireiro do bairro e encontrou a porta de ferro baixada, sem qualquer explicação. A perfumaria Ronny tinha fechado e ela não sabia o que tinha sido das moças que a atendiam. O comércio que ela conhecera desde sempre perdia a vida, e muitos desses locais eram agora só a placa esquecida na fachada. As poucas vezes em que dona Fernanda ia com o marido à Baixa, via desconsolada as esplanadas vazias da Cervejaria Portugalia, do restaurante Polo Norte ou até mesmo da farmácia Dantas Valadas, outrora ponto de encontro para discussões de final de tarde, tão ou mais concorridas que as da livraria Lello, do outro lado da rua.

Luanda aos poucos se tornava uma cidade abandonada. Não fazia muito tempo que, por toda parte, se ouvia o barulho incessante do martelar de pregos. Os que decidiam

ir embora queriam mandar tudo o que pudessem para Portugal. Improvisavam caixas e caixotes e tentavam despachar seus pertences. Naqueles dias, Luanda parecia acometida por uma loucura, não havia rua onde se estivesse livre do perene som das marteladas. Depois, subitamente, veio o silêncio, ao menos na cidade dos brancos. Por baixo dessa calma aparente, as perspectivas ficavam cada dia mais duvidosas. Em vez de cessarem, os rumores se multiplicavam e se tornavam mais e mais disparatados, incluindo a possibilidade de um banho de sangue depois que as tropas portuguesas deixassem o país.

Desde muito pequena Maria João ouvia falar da guerra, mas eram notícias distantes, que não alteravam seu dia a dia. Na maior parte do tempo, a vida em Luanda foi pouco afetada pelos combates, concentrados no interior do país. A situação só começou a mudar depois do 25 de abril. A Revolução dos Cravos pegou a todos de surpresa, e as notícias de Portugal deixavam os adultos indignados. Angola ia se separar da metrópole, seria um país independente a partir de 11 de novembro. Ela ouvia as conversas em casa, os comentários depreciativos do irmão, os suspiros da empregada, mas não entendia o que realmente estava acontecendo. No mundo em que vivia, os oficiais do Movimento das Forças Armadas eram os vilões, por muito que tentassem convencer os portugueses da África que a independência das províncias significava o fim da Guerra Colonial. As notícias, sempre incompletas, contraditórias, distorcidas pela censura, em vez de trazerem

esperança, provocavam estupefação nos seus pais. Ela sentia que os tempos melhores não eram os mesmos para todos.

Quando o novo governo português indicou que negociaria o fim do regime colonial, os três movimentos rebeldes se instalaram na capital, abrindo escritórios políticos e buscando conquistar espaço. Havia cada vez mais pessoas armadas nas ruas e os soldados portugueses tinham menos disposição de se meterem em encrenca. Os incidentes se acumulavam – alguém bebia demais, saía briga, terminava em tiros. Uma vez, uma colega de Isabel faltou dois dias seguidos à aula. Ao reaparecer, contou que estava na janela de casa, em plena rua Souza Coutinho, e viu um grupo lançar um morteiro contra o prédio em frente, que desmoronou diante de seus olhos. Havia guerrilheiros que desfilavam pelas ruas da cidade levando frangos depenados e sem cabeça, anunciando que era o que fariam com os portugueses depois da independência.

Não chegavam a ser tantos os incidentes, sobretudo considerando o tamanho de Luanda, a segunda maior cidade portuguesa, mas eram suficientes para instigar o medo e fomentar boatos, propagar notícias não confirmadas de histórias de horror país afora ou na periferia da capital. Os mais otimistas diziam que aquilo era tática dos movimentos rebeldes, que queriam criar pânico e mandar os portugueses embora. Os mais impressionáveis, no entanto, se desesperavam, pensando em tudo o que lhes poderia acontecer.

Maria João ouvia o pai, a mãe, os irmãos, a empregada, cada qual pintando o mundo de uma cor diferente, e não sabia em quem acreditar. Tendia a se deixar levar pelo otimismo do pai, apesar de ver seu José voltar cada dia mais desanimado do trabalho: desapareciam os fregueses, os empregados, as mercadorias. Já fechara dois dos seus supermercados, só mantinha aberto o da Baixa, onde havia mais movimento e se sentia mais protegido. Quando falava sobre o futuro, mostrava uma fé inabalável de que os homens de Holden Roberto lançariam um ataque a Luanda pelo Norte, desde sua base no Zaire. Segundo ele, só o FNLA poderia expulsar os comunistas de Agostinho Neto das suas bases na capital. Seu tio Joaquim, irmão do seu pai, acreditava que a salvação viria da UNITA, pelas mãos de Jonas Savimbi, mas seu pai dizia que isso era porque eles moravam em Sá da Bandeira, e era natural que depositassem suas esperanças nos sul-africanos.

Sua mãe raras vezes saía à rua. Quando precisava de algo, mandava a empregada ir levar ou buscar. Só não faltava à missa do padre Paulo, onde não se cansava de pedir a Deus misericórdia e ajuda. Quando saía, ia acompanhada do Vasco. Sabia que se fossem vítimas de algo, de pouco adiantaria a companhia de um adolescente, mas sempre o tinha ao seu lado. Maria João via como ele se sentia importante acompanhando a mãe, apesar de detestar ter que ir à missa com elas. Vasco insistia para que o pai o deixasse trabalhar

no supermercado, mas seu José se recusava. Dizia que era preciso que houvesse sempre um homem em casa.

Aqueles dias prenunciavam o fim do convívio, da alegria da vida na África para centenas de milhares de portugueses, emigrantes que foram para Angola ou Moçambique à procura de trabalho, ascensão social, oportunidades que Portugal não podia oferecer. No seu íntimo, no entanto, outra coisa preocupava Maria João: via seu aniversário se aproximar e nenhuma providência ser tomada. Quando sua irmã fez dez anos, seus pais organizaram uma festa na casa de praia, no Mussulo. Isabel pôde convidar as colegas e os vizinhos para um dia de banho de mar, correrias, jogos e muita comida, os pratos deliciosos preparados por Teresa. Ela foi o centro das atenções e ganhou muitos presentes. Maria João observara tudo encantada, pensando que um dia seria sua vez. Ela sabia que viviam tempos conturbados, mas achava que os pais estavam lhe preparando uma surpresa. Não poderiam ir ao Mussulo – o trajeto tinha se tornado perigoso demais –, tampouco convidar suas amigas com a escola fechada (não sabia sequer quantas ainda estariam na cidade no dia 15 de outubro), mas, apesar desses percalços, estava convencida de que eles preparavam algo. Ia fazer dez anos, duas mãos cheias; por fim, deixaria de ser uma miúda, a bebé da família, e contava com impaciência os dias que faltavam.\*

**Maurício Genofre** nasceu em São Paulo, em 1964. Estudou no Liceu Pasteur e formou-se em Publicidade na ESPM e Economia na FEA-USP. Em 1993, mudou-se para a Europa, onde viveu e trabalhou durante 29 anos.

---

\* Início do primeiro capítulo do romance *Adamalag*.



# Lar

Sinalva Fernandes

ficção •

**E**m Berilo, o tempo é maestro. A umidade e a temperatura, com o típico calor do norte de Minas, obrigam todos a se moverem bem devagar. As paisagens com suas montanhas que parecem mar, cortadas pelo rio que assunta a margem em busca de mais uma alma, são embrumadas pelo cheiro hipnotizante de terra molhada e eucalipto.

As estradas de terra na roça e os paralelepípedos na cidade impõem o andar ralentado. Os comércios com nomes de santos ao redor da igreja azul-claro com faixas douradas, atrás das casas coloridas, distraem o seguir adiante de quem passa por ali.

Os cães aos bocejos se escoram nos degraus na calçada da padaria para um descanso no fim da tarde. Sentem o calor ameno das pedras, enquanto esperam pelos restos de biscoito de polvilho, com sementes de erva-doce, que dona Maria entrega depois da saída do último cliente.

Lá, dona Maria, aposentada, viúva, mãe e avó, depois de muitos anos morando sozinha, voltou a ser namorada do viúvo proprietário da padaria onde ela trabalhava.

A padaria, de paredes brancas, janelas azuis e rodapé laranja-da-terra, que a chuva e as alpargatas traziam, ficava no centro da cidade e, por isso, estava sempre cheia de moradores e de turistas que caminhavam por lá.

Depois de alguns meses de namoro, foram morar juntos. Maria vendeu sua casa na roça, pegou alguns objetos, sem se esquecer de sua máquina de costura, das toalhas de chita, dos lenços coloridos e das fotos de Jesus, ainda no plástico e envoltas em terços de contas metalizadas, e foi para a casa dele, nos fundos do comércio.

Com o dinheiro, ela aproveitou para refazer o quarto do casal, comprou armários, pôs uma estante para acomodar seus objetos de decoração e enviou um pouco para os filhos que viviam em outros estados. Além disso, construiu um forno a lenha mais alto do que ela, na parte de trás da casa.

Depois de alguns anos, a padaria era um universo só do casal. Na parede da sala, se destacava uma fotografia dos dois sorrindo de mãos dadas: ele de cabeça branca e ela de cabelos pretos, resultado da tintura “*Pop hair*: a melhor do mercado”, segundo leram para ela na perfumaria.

Na cozinha dele, atrás do balcão da padaria: os queijos, os pães, as rapaduras, os sacos de farinha e os ovos para os

clientes; na dela, no fundo da casa, o aroma do café fresco, o forró como trilha sonora constante e o afeto alegre para quem atravessava a casa inteira para pedir “a bênção, dona Maria”.

Pouco tempo após a comemoração das bodas de linho, ele ficou doente. A notícia se espalhou pela cidade, gerando alguma comoção. Os filhos dele, que moravam no município vizinho, se instalaram na casa.

A enfermidade progredia e os cuidados da Maria se multiplicavam. Além da casa, ela tomava conta dele e da padaria. Os filhos se encarregavam do caixa e de assuntos particulares.

Depois de alguns meses, a doença do velho levou suas pernas, enquanto ainda espreitava por mais. Para os filhos, o pai se tornou uma miragem de homem; para Maria, o velho era seu outro corpo branco; e, para ele, a mulher era tudo: sua fortaleza negra de lenço colorido.

Ao completarem quinze anos de relacionamento, ele morreu. Aquele universo, também. Os filhos ficaram com a padaria gasta de paredes brancas encardidas e janelas azuis e, também, com a casa vazia, silenciosa, sem perfume. Maria ficou com sua própria carne, com a tristeza, a solidão e mais nada.

Eles disseram que ela era apenas a empregada.

Naquele fim de tarde, Berilo, com seu tempo particular, sua paisagem e seu calor desceram para a roça com ela, alguns dos cães da calçada foram junto para acompanhar

sua humana favorita. Maria, mulher, mãe e avó, uma vez noiva, mas viúva em dobro. Os comércios fechados, o paralelepípedo virando terra, enquanto ela carregava suas coisas, abraçada com a foto de santo, ainda embrulhada no plástico, em busca de um novo lar.

Sinalva Fernandes (sinalvafernandes@yahoo.com.br) é professora de Língua Portuguesa no Ensino Básico. Formada em Letras pela USP. Tem experiência profissional em redação e mediação de leitura.

# Criminalística parassocial

Vitor Takayanagi

ficção •

**T**oda quinta, Sabrina pegava o ônibus na companhia de Valéria e Tamires, ou Vavá e Tatá. Não pessoalmente, mas pelo podcast Analistas Criminalísticas, sobre crimes e investigações reais. Suas histórias preferidas eram as que não se resolviam, e quanto mais macabros e cruéis eram os crimes, maior seu fascínio. Percebia, porém, que muitos não compreendiam seu gosto, e ela sentia falta de alguém com quem compartilhar o hobby. Por isso, acreditava que as únicas que a entendiam eram justamente Vavá e Tatá.

Na volta da faculdade, à noite, pôs os fones para ouvir o final do episódio daquela semana. Era sobre o Peixeiro de Paraberabaúna-Mirim. Deu *play* e ouviu a voz de Vavá, sempre animada, curiosa e com um sotaque que, aos ouvidos paulistas de Sabrina, soava nordestino: "...só fazia picadinho com a

peixeira e pronto? Ia pescar?”. “Então, *amore*, ele tinha várias iscas”, respondeu Tatá, com sua voz grave, professoral e sem um sotaque perceptível para Sabrina. “Massa, me conta mais.” “Por quê? Tá pensando em pescar?” “Não, tô pensando no melhor jeito de esconder o cadáver.” “Ai, Jesus.” “Exatamente! Vai que o morto volta? Tem que fazer o trabalho direito.” “Justo”, pensou Sabrina, enquanto ria em silêncio. Olhou em volta, mas nem a motorista, nem o cobrador, nem o único outro passageiro, sentado no fundo, perceberam que ela estava rindo de um cadáver divino em retalhos.

PING!, fez o celular. Sabrina pausou. Era uma mensagem da mãe, preocupada. Ela estava mesmo voltando mais tarde que o normal. Indiferente, Sabrina respondeu que estava bem e que ela podia ir dormir, e logo voltou ao podcast: “Mas você achou o problema, as iscas foram o erro dele”, explicou Tatá, ficando mais séria. “Oxe, e como?”, perguntou Vavá, e Sabrina também arregalou os ouvidos, curiosa. “Ele alugava o barco pra levar gente pra pescar em alto mar.” “Sei.” “E um dia, um dos pescadores era... técnico do IML.” “Tá me zoando”, pensou Sabrina, boquiaberta. “Ééégua, não acredito”, exclamou Vavá, e Tatá, com um tom triunfante, disse “Pode acreditar. O técnico Josuellinton Fernandes foi pescar com uns amigos, completamente por acaso. Aí ele tava pondo a isca, uma que era de gordura, e achou ela meio... familiar.” “Isca de gordura?”, perguntou Sabrina, com nojo. “Então, tem isca de tudo, e uma muito comum é

de gordura com farinha”, explicou Tatá. Vavá disse, brincalhona, “Se usar de aipim, o peixe vem pronto pro pirão!” “Do mar pra panela”, completou Sabrina, e as três riram, juntas, como se estivessem conversando ao vivo.

Ao ver que estava chegando no seu ponto, Sabrina levantou, avisou a motorista e foi até a porta, distraída com o mundo real, mas prestando atenção em Tatá. “Desconfiado, o Josuellinton guardou uma das iscas e levou pro laboratório, mas...” “Mas o quê?”, perguntou em pensamento Sabrina, enquanto descia do ônibus. “Para de miguelar e fala logo!”, exclamou Vavá, ansiosa também. Sabrina conseguia imaginar perfeitamente o sorrisinho satisfeito de Tatá ao falar “...mas o assassino tinha percebido e seguiu ele.” Um calafrio desceu pela nuca de Sabrina. Ouviu um barulho, não era do podcast. Olhou para trás, estava...?

Estava. Aquele outro passageiro do ônibus a seguia, tinha descido no mesmo ponto. Decidiu se apressar, atravessou a rua sem olhar para os lados, mal prestava atenção no podcast, “...tava com a peixeira...”, será que o homem também estava armado? Sabrina ia começar a correr quando sentiu um puxão! O homem havia pego a bolsa, mas ela esticou a mão, tentou agarrar o braço dele, escorregou, segurou a alça, os fones sem fio ainda nos ouvidos, “...conseguiu escapar do golpe...”, não ia deixar ele levar as amigas embora! “...é bala!” Sabrina puxou com toda a sua força, arrancando a bolsa do ladrão, que perdeu o equilíbrio, caiu para trás

e bateu a cabeça na quina da guia da calçada e um CREC! ecoou pela rua deserta. O homem ficou imóvel, a boca aberta e os olhos vazios contemplando o céu noturno.

Ofegante, Sabrina precisou de alguns instantes para entender o que tinha acontecido, e então veio de sua garganta o grito:

– AAAAAAAAH!

Mas não foi o único, pois ouviu outro “AAAAAA-AAAAH”, em dobro, “AAAAAAAH”, pelos fones. “Que que tu fez?” “Eu, eu não sei, ele caiu pra trás e...” “Tá morto?” Sem saber a resposta, Sabrina se aproximou do homem, ainda abraçando a bolsa. Olhou um líquido escorrendo pela sarjeta, estava escuro demais para ver a cor, mas Sabrina sabia ser vermelho. “Ah, ele, o... o sangue, ele mo-morr...”, sua mente começou a balbuciar, perdida. Lágrimas começaram a brotar. Seu estômago retorceu. Sabrina abaixou a cabeça e expeliu o pão de queijo e o chá gelado que tinha jantado na faculdade com um monte de sucos gástricos, bem em cima da perna do morto. Sentiu uma fraqueza e caiu sentada no chão, babada e chorosa, respirando cada vez mais rápido, sua consciência querendo fugir...

De repente, ouviu uma batida forte. Era Vavá socando a mesa onde gravavam o podcast. O susto fez Sabrina hesitar no desespero. “Calma, Sassá! Tu não tá sozinha!” “É! Sassá, vamos te ajudar!” Ser chamada de Sassá foi um choque diferente, que a fez sorrir inconscientemente, acalman-

do-a um pouco. “Amore, respira fundo.” Inspirou. Expirou. “Melhorou?” Mais centrada, Sabrina conseguiu responder: “S-sim. Tô melhor”.

“Alguém te ouviu?”, Vavá perguntou, e Sabrina olhou em volta, a rua deserta, apenas as luzes dos postes e de algumas casas, mas ninguém parecia ter percebido o que aconteceu, o que era bom. “O que eu faço? Deixo ele aí e volto pra casa?” “Melhor não, tem amostra do seu DNA”, observou Tatá, se referindo ao vômito. “Oxe, olha o braço dele.” Sabrina percebeu arranhões, feitos quando tentou agarrar a bolsa. “Também não dá pra chamar os guardas, vão te pegar de suspeita, falar que tu agrediu ele”, reclamou Vavá. “E... e agora?”, Sabrina perguntou, e durante o breve silêncio que se seguiu, teve a impressão de que as podcasters se entreolharam e tiveram a mesma ideia que ela.

“Vamos esconder o corpo”, as três concluíram ao mesmo tempo. “Uma cova improvisada?” sugeriu Vavá. “Arriscado, sempre acham”, opinou Tatá. “É só fazer bem funda e pôr uns cheirinho pra disfarçar, que nem o Maníaco do Patinete”, insistiu Vavá. Sabrina apontou para o final da rua e argumentou “É que o único lugar que dá pra enterrar é uma pracinha meio longe, vai ser difícil carregar até lá.” De repente, Tatá bateu uma palma, como fazia quando tinha uma ideia e exclamou “Mas!”, fez uma pausa dramática, “e se a gente usar a receita...”, outra pausa, e tanto Sabrina quanto Vavá prenderam a respiração, “...da tia Emengarda?”.

Seu conhecimento enciclopédico dos crimes mais hediondos do Brasil logo pegou a referência e, com os olhos arregalados e um sorriso animado, Sabrina concordou: “A Cantineira da Morte! Boa ideia!”. “Ó, pai, gostei também”, disse Vavá, empolgada. “Posso ajudar. Tu sabe fazer escondidinho de carne seca? E sarapatel?” Sabrina negou com a cabeça. “Te ensino, querida, ai, que saudade do meu canal de culinária”, disse Vavá. Sabrina sentiu o rosto esquentar com aquele “querida”. “Só que a gente tem que fazer melhor que a tia” entrevistou Tatá, “que ela cometeu dois erros com as crianças: os ossos e as cabeças.” “A cabeça dá pra enterrar”, sugeriu Sabrina. “Sim, era o que eu estava pensando”, concordou Tatá. “E os ossos, mocotól”, exclamou Vavá.

Encarar o acontecido não como um homicídio culposo, mas como uma oportunidade de usar tudo o que tinha aprendido com suas amigas podcásticas transformou o medo de Sabrina em empolgação. Levantou-se do chão, pronta para buscar as ferramentas necessárias em casa, quando Vavá se interpôs. “Sassá, melhor não deixar o corpo sozinho, não.” “É, usa isto aqui”, ofereceu Tatá, e Sabrina admirou a peixeira que a podcaster havia lhe dado. “Como...?” Sabrina começou a perguntar, mas Tatá deu uma risadinha confiante e disse “A gente é o melhor podcast true crime do Brasil, amore, pesquisamos tu-di-nho”.

Com a lâmina paraberabaunamiriana nas mãos e seguindo as instruções de Vavá, Sabrina separou a carne,

picou os miúdos e fatiou os ossos, guardando os ingredientes em potes plásticos separados, os mesmos usados pela Carola Infernal de Santo Albano de Verulâmio. Colocou a cabeça e as roupas do morto em um saco de papel, que nem o Decapitador da Avenida Brasil, e encheu de camomila, como fazia o Maníaco do Patinete. Pegou a pá do Coveiro do Texas (RO) e enterrou o pacote. Por fim, usando uma água sanitária normal e o esfregão do Zelador Fatal de Campo Fundo, limpou o sangue e o vômito na calçada. Em menos de uma hora, Sabrina havia higienizado a cena do crime e escondido todas as evidências, nunca se sentiu tão satisfeita com um trabalho seu.

“Muita gratidão, meninas, do fundo do coração”, Sabrina agradeceu, emocionada, após devolver as ferramentas para as podcasters. “Qué isso, Sassá querida, foi um prazer”, disse Vavá. “Isso mesmo, pode ir tranquila, vai ficar tudo bem”, completou Tatá. De repente, Sabrina começou a rir. “Que foi?”, perguntou Vavá. “Não, é que eu pensei, e se alguém descobrir? Eu podia virar um episódio do podcast, já pensou?” As duas riram um pouco, mas Sabrina estranhou, não parecia a mesma risada espontânea de sempre. “É, né? Como é que a gente ia te chamar?”, perguntou Vavá. “Que tal... Sassá, a Assassina do Ponto Final?”, sugeriu Tatá. “Como você sabe que eu desço no último...”, Sabrina começou a perguntar, mas foi interrompida por Vavá, “Bem, este foi o caso da semana”. “Obrigada pela companhia,

amigues criminalístiques e...”, disse Tatá, mecanicamente, e as duas terminaram, juntas, “até o próximo crime!”

– Até... – disse Sabrina, pegando o celular e vendo na tela a mensagem “Conexão com fones perdida”.

Vitor Takayanagi (vitor.takayanagi@gmail.com) escreve e lê de tudo um pouco, mas tem uma grande afinidade com literatura fantástica e ficção científica. Já publicou contos em coletâneas, participou de fanzines de quadrinhos e está escrevendo seu primeiro romance.

# Liberdade

Viviane Zandonadi

não ficção •

**N**aquela noite, Liberdade caiu da cama. Antes de tombar no chão, bateu a cabeça na mesa e cortou a parte da orelha que é aguda nos elfos. A ponta do móvel interrompeu um sonho e talvez tivesse rasgado a pele, perfurado o osso e aberto o crânio. No banheiro, enquanto limpava o machucado e apertava o talho numa faixa de gaze, Liberdade imaginou a fenda de escapar segredos.

Passou o dedo atrás da orelha esquerda, na altura de uma dor pequena, e percebeu um veio suave na porção mastoide do osso temporal – Liberdade conhece nomes, porque gosta de questões cranianas e coisas encefálicas; tem fascínio por demências, neuroses, raivas, paranoias, angústias, aneurismas e outros arrepios cerebrais.

Aquele outro rasgo parecia superficial. Ficava bem em cima de uma protuberância sutil; um relevo cartilaginoso que desde criança Liberdade gosta de massagear no sentido

anti-horário enquanto espera o elevador, o semáforo, a fila, o resultado de um exame.

Voltou para o quarto em busca de vazamentos, do subconsciente esparramado. Mas só viu a xícara aos pedaços e o chá adormecido no chão. Soube que não iria colar a porcelana nem preencheria rachaduras. Um fio de sangue desceu pelo pescoço da mulher, que voltou a dormir.



Na manhã seguinte, Liberdade começou um circuito de arrumação. Queria ficar exausta. Caprichou mais na cozinha, porque tinha um plano de outono: tomar banho no fim de tarde, coar café na pia limpa e beber na janela da lavanderia, de onde dá para ver um morro cobrir o sol.

No chuveiro, ensaboou a paisagem mental de olhos fechados e brincou com a espuma. A água cascateava da cabeça para a mão, o ombro e o peito, quando a prateleira de xampu se espatifou no chão. Ela terminou o banho, juntou os cacos e percebeu a superfície dos pés riscada por lasquinhas de vidro. A pele chorou baixinho no antisséptico e Liberdade achou bonito: aqueles traços lembravam a chuva nos desenhos do uruguaio Gervasio Troche.



A bebida preenchia o bule na cozinha, e Liberdade, dentro do roupão azul e apoiada no parapeito do 15º andar, espiava o céu e o horizonte metropolitano interrompido por montanhas pequenas e construções desordenadas.

Um varal de alumínio despencou em sua cabeça e daquele encontro violento nasceu uma coroa de estrelas; muitas perdas de raciocínio. Ela até colocou meio corpo para fora da janela para ver se conseguia salvar alguma coisa, mas só pegou uma preocupação: “o que dizem os silêncios do neurologista da minha mãe?”.

Depois de recolher uns sentimentos espalhados ao redor do tanque, Liberdade esqueceu o café. Tateou os bolsos à procura de um cigarro e lembrou que não fumava. Ainda na janela, viu cair uma dose hesitante da própria realidade. Pressionou com a ponta dos dedos o corpinho cartilaginoso atrás da orelha esquerda, fez uns cálculos, achou que dava tempo e pulou atrás do prejuízo.



Pós-graduação Formação de Escritores